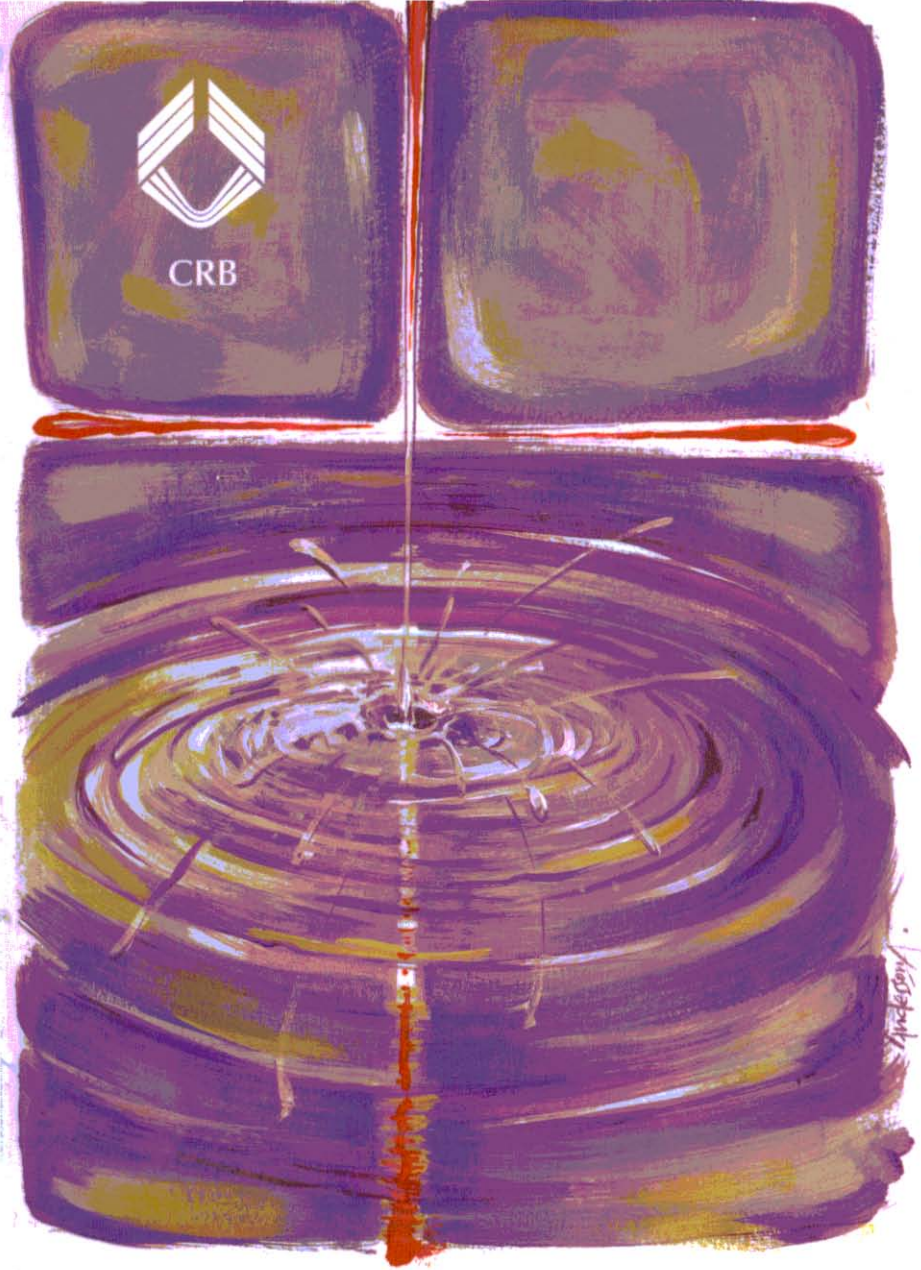

NOVEMBRO 2008 • XLIII • nº 416

CONVERGÊNCIA

- Vem e vê. Os primeiros discípulos: Filipe e Natanael (Jo 1,43-51)
- "A humanidade/criação geme com dores de parto." Dimensão socioambiental do Reinado de Deus
- O Projeto "Palabra-Vida", da CLAR, vinte anos depois

Sumário

Editorial

Nos gritos por vida, o eco dos apelos de Deus 657

Palavra do papa

Mensagem do papa Bento XVI aos participantes do III Congresso Americano Missionário, realizado em Quito, Equador (12-17 de agosto de 2008) 660

Informes

Celebração de ação de graças e envio – CRB-Nacional
Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2008 664

COMLA 8 – CAM 3 – América com Cristo escuta, aprende e anuncia 668

Cursos de especialização em Teologia da Vida Religiosa Consagrada e Formação 675

Artigos

Vem e vê. Os primeiros discípulos: Filipe e Natanael (Jo 1,43-51) – AGENOR GIRARDI, MSC 681

"A humanidade/criação geme com dores de parto." Dimensão socioambiental do Reinado de Deus – FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR 687

O Projeto "Palabra-Vida", da CLAR, vinte anos depois – EDÊNIO VALLE, SVD 709

Esta revista segue a nova ortografia da Língua Portuguesa.

A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, msc, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulas e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.

CONVERGÊNCIA
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL
Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATORA RESPONSÁVEL
Ir. Ires L. Pontim, fsp
MTb 10.764

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO
Coordenadora:
Ir. Márian Ambrosio, dp

Conselho editorial:
Ir. Aíla Pinheiro de Andrade, rj
Pe. Francisco Taborda, sj
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Cleto Caliman, sdb

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tels.: (61) 3235-2991 / 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:
Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:
Cirano Dias Pelin
Sandra Sinzato

Impressão:
Gráfica de Paulinas Editora

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2008: Brasil: R$ 84,00
Exterior: US$ 84,00 ou correspondente em R$ (reais)

Nos gritos por vida, o eco dos apelos de Deus

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

Este horizonte definido pelos participantes da XXI Assembleia Geral em 2007, para nortear a missão da CRB no triênio 2007-2010, soa como uma confirmação de que a Vida Religiosa Consagrada deve ser no mundo o eco do brado de Jesus : "[...] eu vim para que todos tenham vida, e a tenham em abundância"(Jo 10,10).

Vida! Segundo os dicionários, é o espaço de tempo que vai do nascimento até a morte dos seres humanos e de todas as espécies existentes no universo, que surgem e desaparecem por um processo de evolução e declínio. É esse conjunto de vidas que, no momento atual, está ameaçado a partir de dentro, isto é, uma das categorias viventes está deflagrando um processo de deterioração de si e de todas as demais: *o ser humano.*

Narra a Sagrada Escritura que Deus, ao executar a obra da criação, concluiu-a de modo solene, criando o ser humano à sua imagem e semelhança (Gn 1,26), dando-lhe autoridade sobre todos os outros seres criados, para que os cultivasse e guardasse (Gn 2,15). É com tristeza e preocupação que, neste momento histórico, damo-nos conta do quanto nossas ações e o modo como utilizamos os bens da criação estão acelerando o processo de degradação dos seres viventes.

Não basta discutir ideias e elaborar belos projetos. A prática criativa e ousada de iniciativas que coíbam o avanço da

deterioração da vida em nosso planeta é urgente. Frequentemente, ouvimos de coirmãs e coirmãos nossos: "Não há o que fazer! De que valem nossos esforços diante da gigantesca realidade?". Esse pessimismo, na verdade, é uma justificativa para nossa acomodação.

Bento XVI, na mensagem que dirigiu aos participantes do III Congresso Americano Missionário, exorta-nos a ouvir com atenção a voz de Cristo, e a que "não sejamos surdos a sua Palavra". E a Palavra de Jesus que nos é trazida pelos Evangelhos é carregada de amor à vida, a tal ponto de ele correr todos os riscos, mesmo quando se trata de defender uma só.

Este número de *Convergência* quer ser, para todos os leitores e leitoras, uma motivação para que nos engajemos em todas as ações que, a partir da realidade de cada comunidade, defendam e promovam a vida que Jesus Cristo deseja para a humanidade: *vida digna!*

Os primeiros discípulos, Filipe e Natanael, que nos são apresentados por padre Agenor Girardi, uma vez convocados por Jesus, são desafiados a assumir com ele uma missão que implica estar do lado dos mais pobres. Não é fácil entrar nessa dinâmica quando se está apegado a um legalismo tradicional que defende muito mais a observância de regras do que da Palavra de Deus em sua originalidade. E seguir Jesus significa aderir a um projeto concreto de um homem que se identifica com o seu povo e que, ao afirmar: "quem me vê, vê o Pai", se manifesta em defesa dos mais pobres. E os mais pobres são, no hoje da história, os que menos contam dentro dos projetos gananciosos de uma sociedade que visa ao lucro.

Em nossos dias, é urgente superar os legalismos para defender os direitos de subsistência de quem Deus criou à sua imagem e semelhança. Muitos bens que o Criador colocou aos nossos cuidados se contorcem em estertores causados pela ambição humana. Verdadeiramente, *A humanidade/criação geme com dores de parto.* É desse modo que padre Francisco de Aquino Júnior desenvolve sua reflexão através de uma panorâmica geral sobre os vários tipos de agressão ambiental

que, frequentemente, são apresentados como benefícios e geração de riqueza, mas na verdade rejeitam e ignoram o "governo de Deus na dimensão socioambiental da vida humana".

Esse parto doloroso que faz gemer o universo não é um parto que traz vida, mas um parto ameaçador, que, em muitos casos, se traduz em sombrios abortos. Abortos muitas vezes impostos pela insegurança que faz calar a própria *Palavra-vida* que brota da prática de Jesus para fortalecer a missão itinerante de quem ousa trazer para o concreto da vida o testemunho provocador do Filho de Deus. É esse o desabafo de padre Edênio Valle, ao dar o seu testemunho da experiência que viveu há vinte anos, quando, com outros religiosos e religiosas preocupados em melhorar o conhecimento da Palavra de Deus por parte das comunidades religiosas da América Latina, projetaram o Programa Palabra-Vida.

Embora sintamos a crescente preocupação diante de tantas realidades que contradizem os valores defendidos por Jesus Cristo, é animador perceber e sentir os anseios de bem, alimentados por quem se dispõe a construir a história da humanidade na ótica do Evangelho. São numerosos os homens e mulheres que, "esperando contra toda esperança" (Rm 4,18a), se lançam, determinados, a empreender ações que produzem e alimentam vida e esperança em espaços aparentemente vencidos.

Esse conjunto de provocações, memórias e afetos é precedido pelos *informes* que trazem ao nosso conhecimento um pouco do tanto que é realizado pela Vida Religiosa Consagrada do Brasil, no intuito de responder aos apelos por vida que brotam de todos os recantos de nosso país-continente.

IRMÃ MARIA JUÇARA DOS SANTOS, FDZ

Mensagem do papa Bento XVI aos participantes do III Congresso Americano Missionário, realizado em Quito, Equador (12-17 de agosto de 2008)

O III Congresso Americano Missionário, que se realiza em Quito, é uma oportunidade incomparável que o Espírito Santo nos oferece para aprofundar a importante experiência que supõe a celebração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, assim como o programa evangelizador que dele se originou, dando deste modo mais um passo no estímulo do amor missionário na América.

Nestas jornadas, sobre o tema "América com Cristo: escuta, aprende e anuncia", o Senhor ocupará o centro das orações e das sessões de estudo, reflexão e diálogo. Ele, como verdadeiro Mestre, iluminar-vos-á para que, dando lugar nos vossos corações à sua mensagem de amor e de redenção, possais ir e dar frutos de santidade abundantes e duradouros (cf. Jo 15,16).

Desejo saudar com grande afeto e estima Vossa Eminência, assim como o arcebispo de Quito, dom Raúl Eduardo Vela Chiriboga, que prepararam com esmero este encontro continental, e aos senhores cardeais, bispos, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos que nele participam.

> Aos santificados em Jesus Cristo, chamados à santidade, com todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de Jesus Cristo Senhor deles e nosso: graça e paz vos sejam dadas da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo (1Cor 1,2-3).

O meu enviado especial, o cardeal Nicolás de Jesus López Rodríguez, arcebispo de São Domingos, recordar-vos-á

nestes dias intensos a minha proximidade espiritual e a minha alegria, sabendo-vos unidos no mesmo modo de sentir e de pensar, com a intenção de que as comunidades eclesiásticas da América se renovem mediante a conversão ao Senhor Jesus, que teve sempre como alimento fazer a vontade de Deus, seu Pai (cf. Jo 4,32-34; Hb 10,5-10).

Neste Congresso, como num cenáculo continental, chega a força poderosa do Espírito Santo, que com os seus dons e carismas continua a impelir a Igreja a proclamar a Boa-Nova da salvação a cada pessoa, especialmente às que não conhecem Cristo ou, talvez, o tenham esquecido, chegando até os confins da terra.

O Congresso também será o marco em que se dará um início solene a uma "missão continental", na qual, harmonizando esforços pastorais e iniciativas evangelizadoras, as diversas igrejas particulares na América Latina e no Caribe irão intensificar o seu trabalho para que o Senhor seja cada dia mais conhecido, amado, seguido e louvado nessas terras benditas. Ele, que venceu o pecado e a morte, concede-nos quotidianamente o seu perdão, ensina-nos a perdoar e chama-nos para viver uma vida afastada do egoísmo que nos escraviza e cheia do amor que nos engrandece e dignifica.

O presente momento é uma ocasião providencial para que, com simplicidade, pureza de coração e fidelidade, voltemos a ouvir Cristo, que nos recorda que não somos servos, mas seus amigos. Ele nos adverte para que permaneçamos no seu amor sem moldarmo-nos às normas deste mundo. Não sejamos surdos à sua Palavra. Aprendamos com ele. Imitemos o seu estilo de vida. Sejamos semeadores da sua Palavra (cf. Mc 3,15; Jo 8,33-36; 15,1-8; 17,14-17). Assim, com toda a nossa vida, com a alegria de saber que somos amados por Jesus, a quem podemos chamar irmão, seremos instrumentos válidos para que ele continue a atrair todos com a misericórdia que brota da sua cruz.

Queridos irmãos e irmãs, com docilidade e força, com a caridade que o Espírito Santo derramou dentro de nós, encorajo-vos a partilhar com os outros este tesouro, pois não há maior riqueza que desfrutar da amizade de Cristo e

caminhar ao seu lado. Vale a pena consagrar a este bonito trabalho as nossas melhores energias, sabendo que a graça divina nos precede, apóia e acompanha na sua realização.

Então, podeis encontrar na oração perseverante, na meditação fervorosa da Palavra de Deus, na obediência ao Magistério da Igreja, na digna celebração dos sacramentos e no testemunho da caridade fraterna a força necessária para identificar-vos com os sentimentos de Cristo e assim ser seus discípulos com coerência e generosidade, proclamando, com o próprio exemplo, que Cristo é o Filho de Deus, o Redentor do ser humano e a rocha firme sobre a qual edificar a nossa existência. Bebei a água vivificante que brota do lado do Salvador e saciai com o seu frescor cristalino todos os que estão sedentos de justiça, paz e verdade, aos que estão submersos na escuridão do pecado, no ofuscamento do relativismo, na dureza do coração ou na obscuridade da violência.

Senti a consolação de Cristo e oferecei o alívio do seu amor aos atribulados, aos aflitos pela dor ou feridos pela frieza da indiferença ou pelo flagelo da corrupção. Esses desafios exigem que se superem o individualismo e o afastamento e exigem o fortalecimento do sentido de pertença eclesial e a colaboração leal com os pastores, a fim de formar comunidades cristãs orantes, harmoniosas, fraternas e missionárias.

O serviço mais importante que podemos oferecer aos nossos irmãos é o anúncio claro e humilde de Jesus Cristo, que veio a este mundo para que tenhamos vida, e a tenhamos em abundância (cf. Jo 10,10). Por isso, de nós, que sem nenhum mérito da nossa parte somos seus discípulos, espera-se "um testemunho muito crível de santidade e compromisso. Desejando e procurando essa santidade, não vivemos menos, mas melhor, porque, quando Deus pede mais, é porque está oferecendo muito mais" (cf. *Documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho*, n. 352).

Diante das dificuldades de um ambiente por vezes hostil, da escassez de resultados imediatos e espetaculares, ou

perante a insuficiência de meios humanos, convido-vos a não vos deixar vencer pelo medo, abater pelo desânimo ou arrastar pela inércia. Recordai as palavras de Jesus, o Bom Pastor: "No mundo, tereis aflições, mas tende confiança! Eu venci o mundo" (Jo 16,33).

Nesta ocasião, quis oferecer a cada um dos presidentes das conferências episcopais da América Latina e do Caribe um tríptico, no qual aparece Cristo glorioso, que, com os braços abertos, acolhe a todos. Ele nos precede no caminho da vida e ajudar-nos-á a aspirar à santidade, de modo que desperte em cada batizado o missionário que traz dentro de si e derrote a vacilação e a mediocridade que frequentemente nos assalta.

Na Santíssima Virgem Maria, Nossa Senhora de Guadalupe, poderemos sempre encontrar o modelo de entrega perfeita ao seu Filho divino. Como fez em Caná da Galileia, ela continua a exortar-nos para fazer o que Jesus nos diz (cf. Jo 2,5). Ao seu lado, e ao confiar que o seu terno amor não nos abandona, queremos assistir cada dia à escola de Jesus, onde escutamos de novo dos seus lábios: "Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo" (Mt 28,19). Enquanto suplico a sua proteção maternal, concedo aos participantes no Congresso a implorada bênção apostólica, que de bom grado estendo a todos os filhos e filhas da América.

Vaticano, 12 de agosto 2008.

BENTO XVI

Celebração de ação de graças e envio – CRB-Nacional Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2008

A conclusão da XLIII Assembleia Regional Ordinária da CRB/RJ teve uma característica singular: foi ocasião de celebrar com gratidão a caminhada histórica da Conferência dos Religiosos do Brasil em sua missão de animar a Vida Religiosa Consagrada na Igreja do Brasil.

Com a presença de aproximadamente duzentos religiosos e religiosas, dom Wilson Tadeu Jönck, bispo referencial da Vida Consagrada do Leste I, presidiu a celebração eucarística que trouxe presente a memória dos 54 anos de presença e ação da CRB, enquanto esteve presente no Rio de Janeiro, como referência para a VRC do Brasil.

No comentário inicial da celebração, assim nos expressamos:

> Louvamos a Deus, que faz maravilhas com o seu povo. Suscita pessoas que, com coragem e profecia, interpretam-lhe os sinais e com sua vida os transformam em história viva, que faz parte da história do Povo de Deus.

Assim, religiosos e religiosas, ouvindo a voz do Espírito, reuniram-se no Colégio Marista São José, em 1954, para dar início a um caminho de comunhão entre os vários carismas. Então, foi criada a CRB, com o objetivo de ser:

- Elo de unidade entre os institutos.
- Veículo de compreensão e ajuda mútua.
- Articuladora de atividades num plano comum.
- Valorizadora dos carismas próprios a serviço da Igreja.

Fizemos memória de pessoas que já se encontram junto do Pai e de outras que caminham entre nós; pessoas que estiveram animando todo o processo de busca, semeadura, luz e vida:

- Secretário-geral da CNBB: dom Helder Câmara.
- 1º Período – 1954-1965: dom Martinho Michler, osb.
- 2º Período – 1965-1968: padre Antônio Aquino, sj.
- 3º Período – 1968-1977: padre Marcello Azevedo, sj.
- 4º Período – 1977-1983: padre Décio Baptista Teixeira, sdb.
- 5º Período – 1983-1989: irmão Claudino Falqueto, fms.
- 6º Período – 1989-1995: padre João Edênio Reis Valle, svd.
- 7º Período – 1995-2001: padre João Roque Rohr, sj.
- 8º Período – 2001-2006: irmã Maris Bolzan, fds.
- 9º Período – 2006: irmã Márian Ambrosio, dp.

Momento significativo na Eucaristia foi a apresentação das oferendas. Irmã Márian, juntamente com os membros presentes da diretoria, ofereceu a caminhada, percorrendo o corredor central da igreja até o altar como símbolo de travessia e mudança. Levavam nas mãos um galho de videira com ramos novos, sinal do momento fecundo em que nos encontramos. Ramos novos de vida são portadores de esperança, no entanto, eles encontram sua seiva na raiz plantada com a ousadia e coragem daqueles que nos precederam no seguimento de Jesus.

No momento de ação de graças, foi oferecido, como presente da Regional do Rio de Janeiro à presidente, irmã Márian Ambrosio, e à diretoria, um quadro muito significativo pintado especialmente pelo irmão Anderson, carregado de um simbolismo denso e fecundo, que retrata a vida da CRB-Nacional nestes 54 anos de vida.

Das mãos da Trindade... o caminho do discipulado

Reflexão sobre o quadro oferecido à CRB-Nacional (disponível em: <http://www.crbnacional.org.br>).

O quadro traz como ponto de partida as mãos da Trindade, de onde surge o modelo humano de seguimento de Jesus em comunidade expresso na tenda, que recorda a dimensão itinerante da comunidade cristã. Tenda como lugar onde acolhemos o Peregrino Ressuscitado, assim como o acolheram os discípulos de Emaús (Lc 24,13-35).

Ao longo da caminhada histórica desta comunidade de discípulos que é a Igreja, surgem várias propostas de seguimento de Jesus, vivenciada na diversidade das congregações e espiritualidades, aqui representadas nas vestes da mulher, pelas pessoas que caminham. A CRB-Nacional é representada, aqui, pela figura da mulher em marcha. Ela caminha tendo um dos pés na memória de um passado construído com a vida e o testemunho de tantas pessoas e comunidades que a constituem e escrito em várias páginas, entre flores e espinhos; e o outro pé avança rumo ao *novo*, onde páginas em branco simbolizam a história que ainda será escrita e construída a partir dos desafios do futuro, do *novo*.

Com uma das mãos esta mulher sustenta a vida expressa na flor/útero gestada no chão da história entre alegrias e dores, que ela carrega em seu seio como projeto de construção do Reino de vida que se concretiza. Com a outra mão ela segura a lâmpada que ilumina a realidade e expressa a ação de anúncio/denúncia e ação solidária. Além da tenda, vemos, junto à caminhada dos religiosos presentes na veste da mulher, uma pessoa debruçada, atitude que evoca a leitura orante da Palavra de Deus.

O pingo d'água presente no desenho brota da folha da esperança, como orvalho sobre o deserto, e gera ondas. Da flor do ventre, expressa na vida de uma criança, a pessoa, o microespaço, surge a grande flor, que tem como centro o mundo, as estruturas, o meio ambiente, a dimensão macro

da realidade. A flor apresenta alguns elementos, rostos que compõem a diversidade de realidade em que a Vida Religiosa se faz presente. Perpassando todo o desenho, uma faixa vermelha simboliza o projeto do Reino, que, como sangue, sustenta a vida e é presença do Espírito Criador e Salvador, que impulsiona e sustenta a caminhada da Vida Religiosa no Brasil e no mundo.

O envio da CRB-Nacional aconteceu num clima de gratidão, louvor e emoção. Irmã Márian foi chamada por dom Wilson, e ela passou a chamar todos os membros da Nacional. Toda a assembleia estendeu as mãos no sentido de abençoar o caminho. Dom Wilson rezou a oração da bênção e do envio, ungindo cada enviado com óleo perfumado, convidando-os à fortaleza e ao mesmo tempo a ser o perfume de Cristo por onde fossem caminhar. *Vejam, fui além das fronteiras. Por onde formos também nós, que brilhe a tua luz!*

Para a Regional Rio de Janeiro, foi uma perda no sentido da presença tão querida dos membros da CRB aqui em nossa terra, porém foi uma honra enviá-los. Sentimos fortemente que somos irmãos e irmãs, que sonhamos, cantamos e nos alegramos juntos, e que na hora de avançar estamos juntos. Cresceu em nós o sentido de pertença! O momento de confraternização no *hall* do Colégio Marista São José, sob a luz das imagens da memória histórica, selou a despedida e o envio num clima de alegria e gratidão.

Irmã Luzia Ribeiro Furtado, dfmi
Assessora executiva da Regional Rio

COMLA 8 – CAM 3
América com Cristo escuta, aprende e anuncia

As siglas e um pouco de história

Os congressos missionários em nosso continente foram promovidos pelas pontifícias obras missionárias e organizados em colaboração com as conferências episcopais.

Em Torreón, México, de 20 a 30 de novembro de 1977, realizou-se o I Congresso Missionário Latino-Americano (COMLA 1), com o tema: "A Igreja, sacramento universal de salvação". Foram convidados dois representantes de cada país da América Latina.

Ainda no México, na cidade de Tlaxcala, aconteceu o COMLA 2. O tema foi: "A Igreja missionária, resposta do homem de hoje: responsabilidade missionária na e a partir da América Latina". Foi amplamente divulgada a expressão: "Dar de nossa pobreza".

O COMLA 3 foi celebrado em Bogotá, Colômbia, de 5 a 10 de julho de 1987, e teve como tema: "A América quer partilhar sua fé". Foi acentuado o fato de que cada Igreja local é base para a atividade missionária da Igreja.

A carta encíclica *Redemptoris missio*, do papa João Paulo II, inspirou o COMLA 4, que se realizou na cidade de Lima, Peru, de 3 a 8 de fevereiro de 1991, e teve como tema: "A Igreja da América Latina ante os desafios pastorais da nova evangelização no terceiro milênio".

Em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, realizou-se o COMLA 5, desenvolvendo o tema: "O Evangelho nas culturas, caminho de vida e esperança". O lema foi: "Vinde, vede e anunciai".

O COMLA 6 realizou-se na cidade de Paraná, Argentina, de 28 de setembro a 3 de outubro de 1999, quando o Congresso contou com a participação de delegados do Canadá e dos Estados Unidos, motivo pelo qual foi chamado de COMLA 6 – CAM 1 (I Congresso Missionário Americano). O tema foi: "Jesus Cristo, vida e esperança para todos os povos".

Na cidade de Guatemala, de 25 a 30 de novembro de 2003, realizou-se o COMLA 7 – CAM 2, com o tema: "Anunciar o evangelho da vida".

Os congressos missionários marcaram profundamente a caminhada eclesial e missionária da Igreja na América, até chegar a uma progressiva, responsável e original abertura universal.

Os sete Congressos Missionários Latino-Americanos (COMLAs) e os dois Congressos Missionários Americanos (CAMs) tornaram-se o referencial da animação e formação missionária da América, tendo mesmo influenciado na dimensão missionária da Igreja latino-americana, uma vez que várias de suas propostas foram levadas em conta pelas conferências gerais do episcopado latino-americano.

Neste sentido os CAMs – COMLAs são eventos de transcendência e importância para a caminhada missionária da América, à medida que despertam e animam muitas igrejas particulares a incrementar seu dinamismo missionário e a enviar missionários "além-fronteiras", "dando de sua pobreza".

O COMLA 8 – CAM 3

Dia 12 de agosto de 2008, no Coliseo General Rumiñahui, de Quito, Equador, o COMLA 8 – CAM 3 começou com uma celebração eucarística presidida pelo cardeal Nicolás Rodríguez, enviado especial do papa.

Um momento tocante da celebração foi a entrada das relíquias de santa Teresinha do Menino Jesus, padroeira das missões.

Participaram do Congresso aproximadamente três mil pessoas provenientes de todas as nações da América e representantes de outros continentes.

O Brasil enviou 122 representantes. A CRB esteve representada pelo irmão Paulo Petry, fsc, primeiro vice-presidente Nacional; pela irmã Maria Augusta Oliveira, smr, conselheira Nacional; e pela irmã Antônia Mendes Gomes, ndc, assessora executiva para o Programa de Evangelização Solidária na Amazônia.

Tema e lema

O CAM 3 – COMLA 8 teve como tema: "A Igreja em discipulado missionário". E o lema: "América com Cristo escuta, aprende e anuncia".

Eixos temáticos

Foram três os eixos centrais do Congresso, desenvolvidos na parte da manhã:

- Primeiro dia: A comunidade, discípula de Jesus, escuta a palavra. Expositor: cardeal Oscar Rodrigues Maradiaga, arcebispo de Tegucigalpa, Honduras. Destacou que a palavra discípulo — "maqhth" — significa originalmente, em grego, estudioso, pessoa que aprende, em sentido geral. Mas aos poucos passou a significar também o seguidor, o devoto de alguma pessoa. No contexto do Evangelho, prevalece o sentido de seguidor ou adepto. Os discípulos de Jesus são, antes de mais nada, mais do que alunos, seguidores de Jesus. Portanto, eles se vinculam com o Mestre não só em nível teórico, considerando as ideias transmitidas, mas também em nível afetivo e vital, de tal maneira que assumem o seu estilo de vida, a tal ponto de estarem dispostos a dar a vida por Jesus.
- Segundo dia: Pentecostes. A comunidade conduzida pelo Espírito. Expositor: monsenhor Luis Augusto Castro, arcebispo de Tonja, Colômbia. Desde o começo, dom Castro sugeriu mudar a palavra "conduzida" pela palavra "empurrada":

> O Espírito Santo empurra: para fora, para além de nossas fronteiras pessoais; para todos; para dentro; até o fim. Empurra para quem está a nosso lado; para trás, a fim de que possamos recuperar nossas raízes; para adiante; para baixo; para cima, com convite à santidade; para além fronteiras.

- Terceiro dia: Evangelização. Comunidade missionária para a humanidade. Expositor: monsenhor Erwin Kräutler, bispo de Xingu, Brasil. Ao som do canto: "Vai ser tão bonito se ouvir a canção...", dom Erwin começou citando a carta a Diogneto, que assim fala dos cristãos:

> Vivem na própria pátria, mas como peregrinos... toda terra estranha é pátria para eles, e toda pátria é terra estrangeira. Os cristãos estão no mundo, mas não são do mundo. A sua própria presença é símbolo de um povo novo, para o qual toda a terra estrangeira é pátria, e toda a pátria é terra estrangeira.

Abordou o tema da evangelização como promoção da vida. A comunidade missionária é, para toda a humanidade, presença profética, anunciando e denunciando, vivendo os valores do Reino, com espírito de partilha, solidariedade e gratidão. Apontou para cinco grandes crises do planeta:

1) a crise do modelo econômico;
2) a crise social;
3) a crise ecológica;
4) a crise cultural;
5) a crise democrática.

Hoje, o que impera não é o que é mais humano, mas o que produz mais barato e, na maioria das vezes, em condições de trabalho penosas. Tudo isso gera um sistema de injustiça que, na América Latina, se converte em "justiça morosa", que não permite aos pobres alcançar seus direitos fundamentais. "Mesmo assim", continuou dom Erwin, "acreditamos que um outro mundo é possível. Eis, então, a missão da Igreja, que deve dar a sua contribuição à luz

do Evangelho. Ela deve ser a casa dos pobres e, ao mesmo tempo, ela mesma [deve ser] pobre."

Então, dom Erwin lembrou uma canção de Gonzaguinha, que foi acompanhada por toda a comunidade brasileira presente (122 participantes no Congresso):

> Viver, e não ter vergonha de ser feliz.
> Ah, meu Deus!
> Eu sei, eu sei que a vida deveria ser melhor, e será.
> Mas isso não impede que eu repita:
> É bonita, é bonita, é bonita!

Grupos de trabalho temáticos

Na parte da tarde, os congressistas se reuniram em 16 grupos de trabalho temáticos:

1) Missão *ad gentes*.
2) Missão, família e defesa da vida.
3) Missão e globalização.
4) Missão, exclusão e migração.
5) Missão e laicato.
6) Missão e juventude.
7) Missão, atividade e dignidade humana.
8) Missão, culturas e povos.
9) Missão e ecologia.
10) Missão e meios de comunicação social.
11) Missão, ecumenismo e diálogo inter-religioso.
12) Missão, educação e mundo intelectual.
13) Espiritualidade missionária.
14) Missão e fundamentalismo religioso.
15) Missão e presença da mulher.
16) Missão, ciência e tecnologia.

Um apertado resumo do que foi debatido nestes grupos aparece na declaração final do Congresso.

Organização e acolhida

A organização do Congresso foi excelente, prevendo todos os detalhes, desde o momento de chegada dos missionários: transporte às paróquias e às famílias, alimentação, horário, celebrações. A acolhida nas famílias foi um dos pontos fortes. As paróquias e as famílias se prepararam cuidadosamente para proporcionar aos congressistas um ambiente de diálogo sereno e harmoniosa convivência.

Sábado, 16 de agosto, os congressistas, juntamente com membros da comunidade paroquial, saíram para uma experiência de visita missionária às residências da cidade. A previsão era a de poder visitar 45 mil residências. No mesmo dia, à tarde, cada paróquia organizou encontros com crianças, jovens e famílias da comunidade.

Concluindo

Durante a missa solene de conclusão, foi lançada oficialmente a Missão Continental, proposta pela Conferência de Aparecida, em maio de 2007. Nesse sentido, podemos dizer que houve sintonia, mas também continuidade entre o CAM 3 – COMLA 8 e o documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho em alguns aspectos:

a) Aos poucos foi desaparecendo a idéia de "Gran Misión Continental", que projetava a imagem de um momento forte e impactante de missão, e em seu lugar foi crescendo a ideia de "Iglesia en estado permanente de misión".

b) A missão *ad gentes* já não pode ser considerada somente como missão *ad extra*, porque as "gentes" já não são apenas as que estão lá fora. Graças ao fenômeno das migrações, as sociedades são cada vez mais multiculturais. Isso impõe às nossas igrejas a tarefa de evangelizar pessoas, povos e culturas, formando comunidades marcadas pela ideia de comunhão das diversidades.

c) Isso não elimina a necessidade da missão *ad gentes*, *ad extra*, além-fronteiras. Com a drástica diminuição de vo-

cações missionárias na Europa e na América do Norte, surge mais imperiosa a necessidade de promover a atividade missionária de nossos povos latino-americanos, o que tem a ver também com o amadurecimento de nossas comunidades, que vão aos poucos descobrindo que devem passar de uma "Igreja de batizados" a uma "Igreja de discípulos missionários".

d) A imigração de milhões de católicos latino-americanos para outros continentes oferece um potencial imenso, se pensarmos que cada imigrante católico é um potencial missionário além-fronteiras. Essa intuição recupera a experiência dos primeiros cristãos relatada em At 11,19-20:

> Aqueles que se dispersaram depois da perseguição que se tinha levantado por causa de Estêvão chegaram até a Fenícia, Chipre e a cidade de Antioquia. Anunciavam a Palavra de Deus só aos judeus. Mas havia entre eles alguns oriundos de Chipre e Cirene que, chegando a Antioquia, se dirigiam também aos fiéis de origem grega, anunciando-lhes a Boa-Nova do Senhor Jesus.

e) O COMLA 9 – CAM 4 será realizado em Maracaibo, Venezuela, em 2009, conforme anúncio feito em Quito durante a solene celebração de encerramento do Congresso.

PADRE CLÁUDIO AMBROZIO, CS

Cursos de especialização em Teologia da Vida Religiosa Consagrada e Formação

Numa parceria da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF) com Conferência dos Religiosos do Brasil, Regional de Porto Alegre (CRB/RS), foram abertos, nessa Capital, em 28 de julho de 2008, dois importantes cursos de especialização para religiosos e religiosas: 1) *Curso de Formação para a Vida Religiosa*; 2) *Curso de Teologia da Vida Religiosa*.

O Curso de Formação para a Vida Religiosa tem como *objetivo* qualificar religiosas(os) que atuam ou atuarão em processos formativos na VRC na busca de uma presença mística e profética no mundo de hoje. Destina-se a religiosas(os) que atuam ou que se preparam para atuar na formação para a Vida Religiosa.

O Curso de Teologia da Vida Religiosa tem como *objetivo* qualificar a vivência e a atuação de religiosos(as) na busca de uma presença mística e profética no mundo de hoje. Destina-se a religiosos(as) que desejam aprofundar a sua experiência de VRC no confronto com a reflexão teológica.

O currículo dos dois cursos contempla as dimensões antropológica, teológica, espiritual e prática, além de incluir pesquisa e produção teológica, com matérias específicas em cada bloco. A carga horária total é de 422h/a.

A *Coordenação* é formada por uma professora da ESTEF e um professor religioso, indicado pela CRB, que são, no momento, respectivamente, irmã Lucia Weiler e irmão Ivo Ullerich. Os(as) demais docentes integram o quadro da

ESTEF, ou são indicados(as) de comum acordo com a CRB.

A ESTEF fornecerá certificado de especialização (cf. Res. CNE/CES n. 1, de 3 de abril de 2001 – MEC) aos participantes que obtiverem a frequência mínima de 75% das aulas ministradas e nota mínima de 7,0 em todas as disciplinas (monografia inclusive). Aos participantes que não tiverem diploma de graduação reconhecido pelo MEC será concedido certificado de extensão, sendo mantidas as exigências de frequência e nota mínima.

O curso se realizará em encontros intensivos nos períodos de férias de inverno e de verão. Concretamente: 28 de julho a 1º de agosto de 2008; 5 a 24 de janeiro de 2009; 27 de julho a 1º de agosto de 2009; 4 a 23 de janeiro de 2010.

A primeira etapa foi realizada com alto grau de satisfação dos(as) 47 participantes, de diferentes congregações religiosas femininas e masculinas.

Aula inaugural

Um expressivo número de religiosos e religiosas, provinciais e representantes da CRB-Regional inclusive, participaram da celebração eucarística de abertura, seguida de aula inaugural, que foi proferida por irmã Márian Ambrosio, presidente da CRB-Nacional. A palestra foi um "prato cheio" para iniciar a reflexão que o curso se propõe a fazer. Por seu caráter instigante, destacamos alguns tópicos:

> A alegria de ocupar este espaço, em comunhão com o grande número de religiosas e religiosos que alimentam a expectativa de melhores chances de aprofundar temas e experiências relacionadas à Vida Religiosa Consagrada em tempos de tão grandes transformações, é diretamente proporcional à confiança na Equipe que sonhou, programou e hoje instala o Curso de Especialização em Teologia da Vida Religiosa. Parabéns, Equipe ESTEF! Parabéns, CRB-Regional! Vocês concretizam duas das mais desafiadoras prioridades da CRB-Nacional, confirmadas para o triênio 2007-2010: *dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança*

de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações; e ampliar as alianças intercongregacionais, redes e parcerias.

Falando dos desafios e perspectivas da Vida Religiosa no contexto atual e de seu carisma a serviço da vida, irmã Márian declarou:

> Só posso desejar que o curso que ora instalamos proporcione o processo de reflexão que aborde não somente os desafios, mas suas raízes, suas consequências e os meios mais adequados para crescermos em meio a eles, sinais que somos de um Deus que, ao teimar em convocar-nos para sermos profetas de seu amor, continua a presentear-nos com a graça da perseverança, a criatividade das respostas, e as forças para a superação.

Irmã Márian enfocou dois desafios que considera divisores de água neste momento:

> Um deles diz respeito às congregações religiosas, o outro diz respeito à Vida Religiosa Consagrada. E não custa alertar para o risco de igualar essas duas realidades, como se fossem sinônimas. Pois elas não o são. Uma congregação religiosa pode ser comparada ao frágil vaso de argila, que encontra seu sentido em acolher e em manifestar a beleza, o tesouro ou o sagrado. O tesouro sagrado e belo, manifestado ao mundo a partir da intuição fundacional de nossas origens como congregações, a este sim podemos chamar de Vida Religiosa Consagrada.
> É muito comum confundir os desafios que se apresentam às congregações religiosas, com os desafios que se apresentam à Vida Religiosa Consagrada. Facilmente chegamos a pensar que é de nossa responsabilidade mesma a continuidade da Vida Religiosa Consagrada no mundo, como sabemos que é de nossa responsabilidade a continuidade ou não de nossas congregações no mundo. É também comum convivermos com um negativo sentimento de culpa, resultante de nossa esterilidade institucional ao motivar vocações para dar-lhe continuidade... Enquanto procuramos vocações para nossos compromissos institucionais, Deus — o único autor e o primeiro protagonista da vocação — busca pessoas para seu Reino!

E frisou que

> é quase uma afronta ao Deus de nossa vocação interpretarmos o desaparecimento de províncias e congregações como sinal de morte da Vida Religiosa Consagrada. Esta — a Vida Religiosa Consagrada — está viva, inquieta sim, porque confrontada com tempos que obrigam a uma profunda conversão... mas viva, atual e significativa.

A escolha crucial: "Diante da urgência da necessária e inevitável reestruturação institucional, emerge, com crueza, a necessidade da escolha fundamental entre a administração das penúrias do momento presente e a preparação de um fecundo e promissor futuro".

Uma legitimidade perdida

> Ao falarmos de penúrias do momento presente, referimo-nos à crise de legitimidade, de significado de nossas congregações para o mundo de hoje. Isto porque, pelo menos nos últimos séculos, tanto nós quanto o mundo legitimamos a Vida Religiosa Consagrada a partir do seu rosto imediatamente visível, isto é, a roupa que nos distingue, o serviço apostólico que cumprimos, o lugar geográfico em que residimos, as obras que construímos, os projetos sociais que protagonizamos.
>
> É esta legitimidade que ora perdemos. Esta "casa segura" que habitamos até agora não nos confere mais legitimidade. Estamos, há várias décadas, buscando definir-nos a partir de outra raiz. Reconhecemos nossa identidade — com nitidez absoluta — a partir de fontes carismáticas, que transcendem de longe o modelo institucional que teima em perpetuar-se. Muitas de nós, desencantadas e sem segurança dentro da própria Instituição, sentimo-nos como expulsas de nossa própria casa... Fomos aplaudidas e valorizadas por tantos anos e por tantas pessoas, estivemos no foco das atenções por demasiado tempo, principalmente no campo sociocultural da sociedade do final do milênio que nos aposentou. É muito difícil admitir que, hoje, "estamos sobrando" em palcos que ocupamos por muito tempo... É um choque admitir que somos constrangidas a explicar ao mundo as razões de nossa

> existência!... A quem interessa, realmente, o nosso trabalho hoje? Não somos mais a força filantrópica de tempos idos... Eis por que falamos em penúrias que precisamos administrar...

Continuou a palestrante em tom existencial:

> O desencanto tem sido apontado como a maior causa da desistência de vocacionados à Vida Religiosa Consagrada. O "encanto" resulta da sintonia entre o sonho que se traz no coração e o investimento de todas as energias, na busca pela realização deste sonho. A pessoa continua "encantada" se puder continuar centrada, cativada. Ao desconcentrar-se, isto é, ao ocupar sua energia criativa em outro "centro", ela passa a desvanecer-se, a desencantar-se, a ter dificuldade em ser feliz e em testemunhar a alegria do serviço assumido com amor.

E prosseguiu: "Que será que nos desencanta? A pessoa de Jesus Cristo a quem escolhemos seguir? Seu projeto? O carisma fundacional que cativou nosso coração? Não creio...".

A palestrante chamou a atenção para o fato de, muitas vezes, investirmos demais nos cuidados com o vaso de argila (instituições), que só tem sentido em vista do tesouro que é destinado a conter. Afirmou que, "no momento em que os milhares de congregações religiosas... se unirem a serviço da vida, estará resgatada nossa legitimidade institucional...".

Concluiu:

> Acho que está apontado o desafio que se apresenta à Vida Consagrada hoje: assumir e manifestar, definitiva e corajosamente, sua identidade carismática: a Vida Religiosa Consagrada é dom de Deus ao mundo. O verbo assumir remete-nos à identidade, mas o verbo manifestar remete-nos à visibilidade, à vocação de sinal, de força simbólica... Quando reconhecemos que, do ponto de vista da produtividade, nos tornamos desnecessárias para o mundo, este mesmo momento nos provoca a recuperarmos nosso específico: somos sinal da santidade que aponta para a presença atuante de Deus... No momento em que a santidade puder ser tocada, experimentada através de nosso ser, então todo o nosso fazer se tornará pleno de significado.

O sonho de voltar do exílio

> Se acreditamos que este é o lugar de origem da Vida Religiosa Consagrada, então podemos dizer que nos encontramos no momento de regressar do exílio, com saudades da "terra santa" que pertence a Deus, e que ele nos confia para ocupar, em seu nome. Nosso lugar natural não são as margens dos rios da Babilônia, e nossa atitude natural não é o choro do desencanto pelos projetos de quem domina; nosso sonho é voltar, vestindo roupas de peregrinos, cantando os salmos da itinerância dos profetas de Deus.

Disse, ainda, que

> o desejo de voltar ao lugar sagrado continua sendo uma resposta ao chamado dos que esperam. Os que esperam são os pequenos e empobrecidos, o resto do povo da esperança, os que buscam distinguir os sinais da escatologia, em meio às propostas dos deuses do imediato. Este sinal podemos ser nós!
> Para a grande pergunta sobre nossa identidade, a resposta é simples: nossa identidade é Jesus Cristo. *Somos a memória evangélica para o Povo de Deus, que também sonha voltar do exílio.* Porque o Evangelho é boa-notícia, somos uma *reserva de esperança* para o mundo. E para a grande pergunta sobre a mística da Vida Religiosa, a resposta também é simples: vivermos o mistério cristão com tal intensidade que a parte de Deus prevaleça sempre sobre nossa atividade humana, por mais apostólica que ela seja. *Deus faz mais, Deus faz primeiro e Deus faz sempre.*

Agradecemos à irmã Márian Ambrosio, presidente da CRB-Nacional, que, com sua presença e sábias palavras, valorizou e ressaltou a importância do início de cursos de especialização como parceria entre a CRB e uma faculdade de Teologia, a ESTEF. Incentivou a dar continuidade a e ampliar os cursos no futuro, numa abertura para mais congregações que estão em busca de algo sólido para a animação e revitalização da Vida Religiosa.

Informações podem ser obtidas em <www.estef.edu.br>.

FREI ADELINO PILONETTO, OFMCAP

Vem e vê. Os primeiros discípulos: Filipe e Natanael (Jo 1,43-51)

AGENOR GIRARDI, MSC*

A decisão de partir para a Galileia

Começa aqui o quarto dia, desde a declaração feita por João Batista (Jo 1,19). Continua assim, a sucessão de dias que culminará nas bodas de Caná (Jo 2,1-12). Nos relatos anteriores, Jesus estava além do rio Jordão, onde se encontrava João Batista, região que simbolizava a terra prometida. Agora decide sair para a Galileia, a fim de começar sua pregação anunciada pelo seu precursor. A Galileia era a região do norte, não sujeita à administração romana e distante do poder central dos judeus, cuja sede era a cidade de Jerusalém. Lá, podia-se dispor de maior liberdade de movimento por não estar sujeita à inspeção policial das autoridades da capital. A decisão de ir para a Galileia interrompe o contato de Jesus com o grupo de João Batista. O chamado de novos discípulos indica que alguns deles não pertenciam ao grupo.

O convite pessoal feito a Filipe

André e o outro discípulo tinham seguido a Jesus de forma espontânea, pois a pregação de João Batista orientava para isso. Mas Filipe recebe o convite diretamente de Jesus. Não foi discípulo de João Batista. Filipe era de Betsaida, aldeia de André e de Pedro, situada na parte norte do lago da Galileia, na rota para a região pagã, também chamada de Cesareia de Filipe (Mc 8,27-30). Politicamente, não pertencia à Galileia. O nome Betsaida significa "pescaria ou

*Padre Agenor Girardi é vigário paroquial em Francisco Beltrão-PR. Assessora encontros de espiritualidade e retiros e escreve para algumas revistas católicas. **Endereço do autor:** Av. União da Vitória, 272, Vila Nova, CEP 85600-970 – Francisco Beltrão-PR.

lugar de pesca". Ao mencionar a procedência comum de Filipe e dos dois irmãos, André e Pedro, o evangelho de João insiste neste ofício para eles. Filipe e André aparecerão no episódio dos gregos (Jo 12,20-22), primícia da missão entre os pagãos. A procedência de Betsaida, lugar de fronteira e composto de uma população mestiça, já indica a capacidade desses dois para o trabalho missionário entre os não-judeus. Sobre o chamado de Filipe, o evangelho de João não podia ser mais conciso. Para seguir Jesus, é suficiente escutar o seu imperativo: "Segue-me". É tudo.

Filipe conduz Natanael a Jesus

Repete-se o esquema anterior. A necessidade de comunicar a experiência feita com Jesus, visível antes em André, aparece agora em Filipe, que vai buscar Natanael. Esse personagem, ao contrário dos demais discípulos, não recebe nenhuma apresentação por parte do evangelho de João. Porém é apresentado como alguém já conhecido. Será mencionado de novo somente depois da ressurreição de Jesus, integrado no grupo dos sete (Jo 21,2). Certas tradições identificam Natanael com o apóstolo Bartolomeu. Filipe fala a Natanael no plural: "Encontramos aquele..." (Jo 1,45). Retrata aqui a presença de um grupo de discípulos que se movem ainda na esfera das antigas instituições. São israelitas apegados à Lei, que veneram a antiga Escritura.

No primeiro momento, Jesus, o Messias, não representa novidade, é o continuador da antiga tradição. Para eles, Jesus será o Messias, conforme a mentalidade do Antigo Testamento. Esses discípulos, que não foram discípulos de João Batista, não perceberam ainda a ruptura com a antiga instituição. Embebidos e apegados em suas tradições, concebem o Messias como o continuador de Moisés. Os profetas do Antigo Testamento, muitas vezes, descreveram a futura salvação em termos de restauração da monarquia de Davi. Daí foi tomando corpo à ideia de um Messias político, que seria o sucessor de Davi, o renovador das instituições. Era a tradição profética que mantinha a esperança do Messias.

É Jesus, filho de José, de Nazaré

Natanael significa "dom de Deus". É um verdadeiro israelita. Não tem falsidade. Reconhece Jesus como "o rei de Israel". Jesus responde para todo o grupo com uma novidade. É ele a verdadeira escada que une o céu à terra; a mesma escada que Jacó já tinha visto em sonhos (Gn 28,10-22). Depois, Natanael o chamará de "Filho de Deus", embora Jesus se atribua a si mesmo como "Filho do Homem". Filipe identifica Jesus pela sua família de sangue, bem como o lugar de sua procedência. Em Jo 6,24, Jesus voltará a ser identificado por seus adversários como "o filho de José". Aí, "o filho" denota, na verdade, sua paternidade legal. A expressão "aquele descrito pelos profetas", sugere o Messias descendente de Davi. Portanto, Jesus seria, para Filipe, o Davi redivivo, que teria de realizar a unidade de Israel e levar a nação à glória.

A indicação dessa procedência de Jesus, no caso de Nazaré, indica algo mais. É o único ponto que Natanael retoma em sua pergunta. No momento da prisão, os guardas buscam a Jesus de Nazaré. Também no letreiro da cruz aparecerá a inscrição "Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus". A confissão final de Natanael "Tu és o filho de Deus, o Rei de Israel", antecipa o título da cruz.

Vem e vê

À primeira vista, a reação de Natanael é negativa e sem muita esperança. A conexão entre Messias e Nazaré lhe parece impossível. Ninguém esperava um Messias procedente da Galileia, a região da periferia composta por uma população mestiça. Há certa ironia na pergunta de Natanael e, quem sabe, também uma grande desconfiança e até mesmo um desprezo diante do convite. Em Lc 4,16-30, vemos que os próprios habitantes de Nazaré não aceitaram Jesus como Messias. Diante da indiferença de Natanael, Filipe convida-o a fazer ele também tal experiência. As palavras são tais e quais às que Jesus usou para convidar os dois discípulos

anteriores. Porém, aqui, o convite de Filipe refere-se à pessoa de Jesus e não ao lugar. É a experiência na dinâmica do Espírito.

Os que não conhecem Jesus têm de conhecê-lo primeiro. Jamais Jesus se define a si mesmo como Messias. É a convivência com ele que fará compreender sua pessoa. A resposta de Natanael é cheia de dúvidas, mesmo assim Jesus espera e vai instruindo o discípulo no decorrer dos três anos. Porém a compreensão final, por parte do discípulo, só se dará após a morte e ressurreição de Jesus.

O encontro de Jesus e Natanael

A expressão "aproximar-se de Jesus" significa buscar respostas para suas dúvidas. Pode ser mera curiosidade, mas também desejo mais profundo de um sentido de vida. Ainda bem que Natanael não virou as costas. As palavras de Filipe ditas a Natanael, "vinde e vê", devem ter provocado um grande impacto no coração do discípulo descrente. Aproximar-se é aderir à pessoa de Jesus, mesmo que nem tudo esteja claro, mesmo com dúvidas e incertezas. É a superação de um relacionamento superficial para outro mais profundo. Agora, Natanael está disposto a comprovar a afirmação de Filipe. Jesus toma a iniciativa do diálogo e descreve o discípulo, mesmo descrente, como "modelo de Israel". É um elogio qualificado. O motivo disso é que em Natanael não existe falsidades nem mentiras, existem dúvidas dentro dele. O que é diferente.

Eu te vi quando estavas debaixo da figueira

O juízo positivo que Jesus faz deixa Natanael perplexo, uma vez que estava convicto de que Jesus não o conhecia. As resistências de Natanael vão caindo por terra. A rigidez vai dando lugar à abertura. A descrença vai dando espaço à adesão ao "desconhecido". A resposta à sua pergunta, à primeira vista, é enigmática: Jesus afirma tê-lo escolhido antes de o conhecer. O chamado de Natanael não é apenas mérito

de Filipe, mas de sua eleição, que já estava feita. A referência da figueira recorda o profeta Oséias, onde Israel é comparado como um fruto da figueira nova (Os 9,10). A assembleia de Israel era comparada como as primícias da figueira.

A alusão à figueira, tão clara para Natanael, continua sendo enigmática para nós. Uns pensam na figueira como imagem de Israel; outros, na vida tranquila e cotidiana sob a antiga figueira (1Rs 5,5). Ao que parece, Natanael se aplicava, embaixo da figueira, ao estudo das Escrituras, demonstrando ainda, aqui, sua dúvida, pois o conhecimento de Jesus só nascerá do encontro com ele.

Alegria e entusiasmo de Natanael

Da mesma forma como os dois discípulos de João Batista, Natanael também se dirige a Jesus chamando-o de "rabi", que era um título dado aos mestres de Israel. Ele reconhece, desde já, que Jesus é o seu mestre. Faz isso publicamente e está disposto a seguir o seu ensinamento. Porém o horizonte dele ainda é nacionalista. Jesus é para ele o rei esperado na restauração de Israel. Jesus corrige seu entusiasmo destorcido. Declara que isso é pouco ao lado do que significa sua missão. Apresenta a Natanael uma imagem que ele conhece através das Escrituras: a escada de Jacó, que une o céu à terra. Jesus fala a ele do céu aberto. Indica, assim, que a comunicação com Deus não será ocasional, mas permanente. O céu simboliza a esfera divina. Ele não se fecha para quem quer ser discípulo dele.

O lugar da comunicação será a própria pessoa de Jesus. Outro aspecto que Jesus fala a Natanael é o movimento contínuo dos anjos de Deus, subindo e descendo por essa escada. É uma referência ao tema da glória de Deus. Aparece, assim, a função dos anjos: contemplar a face do Pai. Agora, o discípulo e a comunidade são convidados a fazer também a experiência visual: contemplar em Jesus a imagem do Pai: "Quem me vê, vê o Pai" (Jo 14,9). Jesus será a realização máxima do amor do Pai. Ele é a presença do Pai, que não se pode conhecer a não ser pela experiência.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

- Jo 1,43-51: um discípulo chamado Natanael.
- Lc 4,16-30: a rejeição de Jesus em sua própria cidade.
- Lc 9,57-62: exigências para o seguimento de Jesus.

1. Em que a figura de Natanael questiona a nossa postura diante do "novo" que surge em nossa VRC?
2. Como acolhemos o entusiasmo de nossos irmãos e irmãs de comunidade diante da missão assumida?
3. Como vivenciamos a dimensão do despojamento em nossa missão profética?

"A humanidade/criação geme com dores de parto." Dimensão socioambiental do Reinado de Deus

FRANCISCO DE AQUINO JÚNIOR*

A Pedro Casaldáliga, nos seus 80 anos.

A problemática ambiental atingiu em nosso tempo tamanha dimensão que já não pode mais ser abafada ou silenciada por países, empresas e organismos internacionais. Independentemente do fato de responsabilizarem-se ou não pela situação em que nos encontramos e, sobretudo, de estarem dispostos a pagar o preço necessário para, pelo menos, minimizar suas consequências, reconhecem que a situação é dramática e exige medidas urgentes.

Mas se por um lado cresce a consciência da dramaticidade da situação e sobre ela se vai construindo um consenso cada vez maior na sociedade, por outro lado a busca de caminhos para enfrentar o problema parece cada vez mais difícil. Em primeiro lugar, porque os *grandes* não estão dispostos a rever seus padrões de consumo e a limitar seus lucros. Na melhor das hipóteses, aceitam pagar um "imposto ecológico", um "crédito carbono", tornar-se "poluidor pagador" etc., e dessa forma transformam a tragédia ecológica do planeta em negócio. É o chamado "capitalismo ecológico". Em segundo lugar, porque os *pequenos* também são seduzidos pelo mito do consumo ilimitado e a qualquer preço. Não têm o mesmo padrão de consumo dos grandes porque não podem, mas, se pudessem, teriam.

Assim, acabam legitimando o modelo "civilizatório" responsável pela catástrofe ambiental atual. Em terceiro lugar, porque parte das chamadas alternativas ecologicamente sus-

*Francisco de Aquino Júnior é presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-CE, professor de Teologia do Instituto Teológico Pastoral do Ceará, em Fortaleza, e doutorando em Teologia na Westfälischen Wilhelms-Universität, de Münster, Alemanha. **Endereço do autor:** Caixa Postal 27, CEP 62930-000, Limoeiro do Norte-CE. E-mail: axejun@yahoo.com.br.

tentáveis (criação de reservas, coleta seletiva, reciclagem, biocombustível, entre outras) tornam-se, não raras vezes, socialmente insustentáveis: expulsão da população nativa de seu *habitat*; privatização do lixo por parte de grandes empresas, com a consequente exclusão dos catadores de material reciclável; fortalecimento da monocultura (cana, soja, milho etc.); uso de trabalho escravo, aumento do preço do alimento etc.

Toda essa situação afeta e diz respeito aos cristãos e à Igreja em seu conjunto. Seja porque é um problema que, de uma forma ou de outra, diz respeito a todos os cristãos e a todas as pessoas, até mesmo às gerações futuras. Seja porque a "civilização" que gerou essa situação nasceu e se desenvolveu profundamente imbricada com o cristianismo e foi, em grande medida, por ele legitimada, seja, enfim, porque está em jogo, em primeiro lugar, a vida dos pobres e dos pequenos deste mundo — juízes e senhores de nossas vidas (Mt 25,31-46).

Neste artigo abordaremos apenas duas questões que nos parecem fundamentais para o enfrentamento cristão teórico e prático da atual problemática ambiental. A primeira tem a ver com o caráter intrinsecamente social dos problemas ambientais. E a segunda diz respeito à dimensão socioambiental do Reinado de Deus.

Caráter intrinsecamente social dos problemas ambientais

Falar de natureza, de ecologia, de meio ambiente, de cosmo, de holismo, de harmonia etc. está na moda. Em contrapartida, falar de pobre, de pobreza, de injustiça, de conflito social etc. parece anacronismo — resquício de um mundo e de uma Igreja que passou. É como se os *problemas ambientais* fossem problemas meramente *naturais* e não, simultaneamente, problemas *sociais*. Se há algum tempo se dizia, por exemplo, que "o problema do nordeste não é a seca, mas a cerca", hoje se diz com muita facilidade que o problema do

semiárido é um problema de "convivência" com seu ecossistema ou de adequação da sociedade à natureza.

Se, no primeiro caso, a ênfase na estrutura das relações sociais não considerava suficientemente as particularidades ambientais, no segundo caso a ênfase na necessidade de "adaptabilidade das ações humanas às particularidades ambientais como forma de superação da miséria regional" termina por não considerar suficientemente "a complexidade dos interesses de grupos e classes presentes e das estruturas diacrônicas de poder historicamente constituídas".[1]

A superação desse dualismo entre natureza e sociedade é fundamental tanto para uma correta compreensão da atual problemática ambiental quanto para a busca de solução da mesma. É, portanto, um desafio teórico e prático. Definitivamente, precisamos reconhecer e assumir que "o meio ambiente não é apenas um tema de conservação, mas também de direitos e justiça", e que "a transformação da sociedade no rumo da igualdade e da justiça — incluindo temas essenciais como produção econômica, habitação, transporte, bens de consumo etc. — precisa ser sustentável do ponto de vista ambiental".[2]

Os discursos ecológicos que se pretendem socialmente neutros terminam, na prática (ingênua ou interessadamente), mascarando os conflitos sociais a eles subjacentes e, consequentemente, legitimando e fortalecendo (por omissão ou por comissão) os grupos mais fortes. Não basta, por exemplo, não poluir ou despoluir o rio/açude — atividade estritamente social. É necessário também garantir que a água do rio/açude não seja privatizada pelos empresários da região e que seja usada prioritariamente para o consumo humano e animal!

Na verdade, a natureza só se torna problema na trama das relações sociais. "A degradação está intimamente relacionada aos usos, e os usos são históricos, são sociais."[3] De modo que não faz sentido (se é que na prática é possível) dissociar a natureza da sociedade quando se trata de problemas ambientais. Enquanto imbricada na trama das relações sociais, a natureza não é apenas matéria natural a ser contemplada e

1. SOARES, Hidelbrando dos Santos. *Sociedade e território no nordeste semiárido: as cinco leituras.* Limoeiro do Norte, 2003. mimeo, p. 6.

2. PÁDUA, José Augusto de. Desenvolvimento humano e meio ambiente no Brasil. In: MOSER, Cláudio; RECH, Daniel (Orgs). *Direitos humanos no Brasil*: diagnóstico e perspectivas. Rio de Janeiro: Maud, 2003. pp. 47-69, aqui pp. 48-49.

3. SOARES, Hidelbrando dos Santos. Natureza, um campo de relações de poder. *Raízes* 44 (2003) 4.

preservada. É também lugar das relações sociais e, enquanto tal, é também lugar de conflitos, de contradições, de luta pelas condições materiais de sobrevivência. O que é problemático e precisa ser redefinido não é, portanto, o caráter social dos problemas ambientais, mas as formas sociais de uso e apropriação dos bens naturais. Estas sim são problemáticas e, na atualidade, revelam-se como socialmente injustas e ambientalmente insustentáveis.

O professor Hidelbrando Soares (Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos – FAFIDAM, Limoeiro do Norte-CE) identificou três *tipos* dominantes de uso e apropriação dos bens naturais em nossa sociedade, isto é, de comportamentos sociais (usos) que estão ligados a uma determinada compreensão da natureza (recurso).[4]

Comportamento exploracionista

É aquele que acha que os bens naturais são inesgotáveis e que podem ser usados e apropriados ilimitadamente. Os interesses imediatos — sobretudo econômicos — justificam tal uso e apropriação. Não há uma real e efetiva preocupação com a gestão desses bens no presente nem muito menos no futuro. O que importa é crescer. E para isso é preciso apropriar-se dos bens disponíveis. É o modelo tipicamente capitalista de gestão dos recursos naturais que vê na natureza apenas recursos a serem apropriados e comercializados. Embora o discurso seja outro — afinal não soa bem, moderno, nem socioambientalmente responsável — essa é a prática dominante no Brasil.

Com o agravante da conivência dos poderes públicos travestida de preocupação com a geração de emprego na região, com o abastecimento de água das populações carentes, com o crescimento econômico etc. Assim é que, por exemplo, a criação de camarão em cativeiro (concentradora de terra e água, degradadora do meio ambiente) tem crescido tanto no Vale do Jaguaribe, interior do Ceará. Assim é que o governo Lula leva adiante a transposição do rio São Francisco — a versão mais moderna e sofisticada da *indústria da seca*.

4. Id., ibid. pp. 4s.

Assim é que se vai vendendo o mito do chamado "biocombustível", não obstante suas implicações socioambientais: crescimento da monocultura, desmatamento da Amazônia, comprometimento da segurança alimentar e até mesmo uso de trabalho escravo.

Comportamento preservacionista

É aquele que, para eliminar ou combater a degradação ambiental, acaba fazendo uma "leitura antissocial da relação ser humano-natureza" e adotando como medida a criação de "museus naturais": "corredores ecológicos", "parques ecológicos", "reservas ecológicas" — "geralmente excluindo dessas áreas as populações historicamente aí estabelecidas". Além de não se contrapor necessariamente ao comportamento exploracionista — desde que preserve algumas ilhas verdes —, há muito "romantismo" e "espiritualismo" elitistas e irreais no comportamento preservacionista. O grande problema dessa postura, diz Hidelbrando Soares, é que, não obstante seu caráter de defesa da natureza, "geralmente é uma defesa da natureza em si, independente da sociedade, independente daquilo que é a natureza hoje: socializada, histórica.

A preservação seria o afastamento, o distanciamento da sociedade".[5] Com isso, não apenas compromete a vida e a sobrevivência das comunidades historicamente estabelecidas nas áreas a serem preservadas, como também põe em risco ou até mesmo elimina "um patrimônio cultural de manejo dos próprios recursos". O mito de naturalização da natureza, isto é, a consideração do bem natural independentemente de sua apropriação e uso sociais, leva não apenas à "extinção de um grupo social pelo empobrecimento, pela destruição de sua base cultural, mas também à perda de um patrimônio de manejo da natureza".[6] Esquece-se, com frequência, de que foi exatamente a forma de vida da comunidade, seu uso e apropriação dos bens naturais, enfim, sua gestão dos recursos disponíveis, que "gerou aquele ambiente ainda preservado".

5. Ibid. p. 5.

6. Ibid.

Comportamento conservacionista

É aquele em que o uso dos bens naturais tem por base a "gestão", o "manejo" — "fruto da experiência, da prática". É o comportamento típico das comunidades tradicionais. Nem se reduz os bens naturais a meros recursos inesgotáveis de enriquecimento, nem se contrapõe a preservação ambiental ao uso e à apropriação sociais. Procura-se, isto sim, estabelecer relações mais simétricas com a natureza considerando tanto as peculiaridades e potencialidades geoespaciais quanto as necessidades da comunidade. Possivelmente nas experiências de gestão, de manejo das comunidades tradicionais — por mais localizadas, primitivas e espontâneas que sejam —, possamos encontrar um caminho alternativo ao modelo capitalista exploracionista de gestão dos recursos naturais.[7]

Elas "têm um patrimônio cultural que poderia ser um bom caminho para estabelecermos relações mais simétricas, mais justas" com a natureza.[8] Evidentemente, não se trata de receita nem muito menos de transpor, sem mais, resposta de um contexto a outro. Cada contexto socioambiental tem suas peculiaridades e exige resposta própria. Trata-se simplesmente de aprender com comunidades concretas formas de vida, de uso e apropriação dos recursos disponíveis, ou seja, de sua gestão ou manejo que tornem possível a vida da geração atual sem comprometer a vida das gerações futuras. Nem consumismo ilimitado nem ecologismo antissocial. Precisamos ir construindo uma forma de vida socialmente justa e ambientalmente sustentável.

Importa, em todo caso, dar-se conta de que os problemas ambientais, enquanto problemas, têm sempre um aspecto ou uma dimensão social. Nunca são problemas meramente naturais. Até porque o que constitui propriamente o problema ambiental não é o caráter natural dos bens em questão, mas seu caráter social: utilidade, carência, apropriação, formas de uso ou gestão, ameaça etc.

E tanto pelo fato de terem sido *provocados*, em grande parte, por determinadas formas sociais de uso e gestão dos bens

7. "O dualismo racionalista — fruto do pensamento grego e base da chamada civilização ocidental — entre humanos e natureza, entre espiritual e material, entre 'realidades' superiores e inferiores, não encontra eco na cultura dos povos da Amazônia." CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007* – Texto-base. São Paulo: Salesiana, 2007. p. 134.

8. SOARES, Hidelbrando dos Santos. Natureza, um campo de relações de poder, cit.

naturais quanto pelo fato de estarem intrinsecamente vinculados à *disputa de interesses* nas sociedades onde emergem como problema.[9] De modo que *nos problemas ambientais estão em jogo os bens naturais enquanto socializados, isto é, enquanto inseridos na trama das relações sociais.* Por isso mesmo os bens naturais não podem ser tomados nem teórica nem praticamente independentemente de seus usos sócio-históricos.

Uma olhada, ainda que superficial, nos grandes e pequenos problemas ambientais será suficiente para constatar seu caráter intrinsecamente (embora não exclusivamente) social. Abordaremos a seguir, como exemplo, apenas três desses problemas com uma finalidade mais provocativa do que descritiva. Mais do que fazer um elenco de problemas ambientais e descrevê-los, interessa-nos, aqui, a partir da consideração de alguns problemas, provocar o leitor a identificar e explicitar o caráter social dos pequenos e grandes problemas ambientais com que ele se defronta. Trata-se, portanto, de um exercício a ser continuado e completado pelo leitor:

Transposição do rio São Francisco

O projeto de transposição do rio São Francisco — por seu caráter polêmico e conflitivo e pela dimensão que o conflito tomou com o jejum profético de dom Luiz Cappio — tornou-se um dos problemas ambientais brasileiros de maior visibilidade. Sem dúvida alguma, há aspectos no conflito que dizem respeito mais diretamente à sustentabilidade ambiental do projeto, dada a situação atual do rio: assoreamento, diminuição da vazão, supressão da mata ciliar, superexploração dos mananciais, poluição etc.[10] — situação provocada pela forma depredatória e exploracionista de uso e gestão do mesmo nas últimas décadas.

Mas o ponto mais fundamental e mais polêmico diz respeito aos interesses econômicos e sociais em jogo:[11] 70% da água para a irrigação, 26% para o uso industrial e abastecimento urbano[12] e 4% para a população difusa pelo semiárido. Não se trata de um projeto de socialização dos recursos hídricos, mas, ao contrário, de sua privatização.

9. Cf. *Documento de Aparecida*, nn. 83-87, 473.

10. Cf. ZELLHUBER, Andréa; SIQUEIRA, Ruben. Rio São Francisco em descaminho: degradação e revitalização. *Caderno* CEAS 227 (dez./2007). Especial Rio São Francisco.

11. Cf. a propósito: <http://www.umavidapelavida.com.br>, especialmente as reportagens e matérias de especialistas. Veja também: <http://www.cptmg.org.br>. ALFREDO, João. *Transposição do rio São Francisco*: mitos e realidade. Brasília: Câmara dos Deputados, 2005. *Relatório de Impacto sobre o Meio Ambiente (RIMA)*. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br>.

12. Os 12 milhões de nordestinos que, segundo o governo, serão beneficiados com a transposição correspondem à estimativa da população das cidades

Por isso que, dizia Roberto Malvezzi, "a transposição é a última grande obra da indústria da seca e a primeira do 'hidronegócio'. A indústria da seca está para o hidronegócio assim como o latifúndio está para o agronegócio, isto é, um representa o atraso e o outro a modernidade, mas ambos são indissociáveis".[13] E com razão dizia Leonardo Boff, a propósito do conflito entre o governo e dom Cappio:

> Soa demagógica e no fundo falsa a alternativa colocada publicamente pelo presidente: entre o bispo e 12 milhões de nordestinos sedentos eu, presidente, fico do lado dos 12 milhões. A alternativa é outra: entre o agronegócio e os 34 milhões de sedentos que podem ser atendidos, o bispo fica do lado dos 34 milhões.[14]

O problema é, portanto, fundamentalmente social. O próprio dom Cappio dizia, em sua carta ao povo do Nordeste: "Fosse a transposição solução real para as dificuldades de água de vocês, eu estaria na linha de frente de vocês por ela".[15] Até mesmo do ponto de vista mais estritamente ambiental, dizia dom Cappio em sua resposta ao ministro Geddel, "o maior impacto da transposição sobre o rio não é a porção de água a tirar dele. É a perpetuação do modelo que vê nele apenas 'recursos hídricos' e negócios, num acúmulo de usos econômicos seguidos e irrestritos que o exaure e o exterminará".[16]

De uma forma ou de outra, está em jogo o uso e a apropriação das águas do rio São Francisco. Não tem como separar o problema ambiental do problema social da transposição. Pode-se, didaticamente, distinguir aspectos mais estritamente ambientais e aspectos mais estritamente sociais e econômicos no problema da transposição. Mas sua imbricação é tamanha que, na prática, não se pode separar.

Agrocombustível

Menos popularizada, mas não menos atual nem menos polêmica, é a problemática dos agrocombustíveis, muitas vezes chamados biocombustíveis. O aumento do consumo de combustível no mundo, o limite das reservas energéticas no subsolo

localizadas na área de influência do projeto em 2025. Segundo matéria publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 out. 2005, a terça parte desse total refere-se à população de Fortaleza daqui a vinte anos.

13. MALVEZZI, Roberto. *Geografia da sede e hidronegócio.* Disponível em: <http://www.adital.com.br>. Acesso em: 4 dez. 2004. O projeto da transposição é definido também no *Pronunciamento de bispos e pastores sinodais sobre a terra* como "mais um capítulo da conhecida indústria da seca". *Pronunciamento de bispos e pastores sinodais sobre a terra. Os pobres possuirão a terra.* São Paulo-São Leopoldo: Paulinas-Sinodal, 2006. p. 32.

14. *Jornal do Brasil*, 25 dez. 2007.

15. Carta ao Povo do Nordeste (30.11. 2007). Disponível em: <http://www.umavidapelavida.com.br>.

(petróleo, gás e carvão mineral), os altos riscos da energia nuclear e o aumento da poluição provocado pela queima excessiva desses combustíveis, causando desequilíbrios na natureza e aquecimento global, têm forçado a discussão e a busca de alternativas das fontes de energia no planeta. Neste contexto, os chamados agrocombustíveis encontram um terreno fecundo. E o atual governo brasileiro, juntamente com o governo estadunidense, tem despontado como o grande defensor e propagador dessa "alternativa". Tanto pela potencialidade comercial do Brasil no ramo: larga experiência, capital e potencialidades tecnológicas da Petrobrás, dimensão territorial etc. quanto por tratar-se de um combustível "limpo", não poluidor. No entanto, as coisas não são tão claras nem tão simples como poderiam parecer à primeira vista. Vários movimentos, organizações, entidades e lideranças socioambientais têm confrontado e denunciado a insustentabilidade socioambiental dos chamados agrocombustíveis. Em primeiro lugar, por colocar em risco a segurança alimentar das populações pobres do planeta. Seja pelo aumento do preço dos alimentos, seja pela concorrência no uso da produção agrícola: alimentos ou biocombustíveis. Sobre isso alertaram tanto o relatório "Bioenergia sustentável", da ONU (9.5.2007),[17] quanto o estudo "Previsão dos alimentos", da FAO – Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – (7.6.2007).[18] E o ambientalista estadunidense Lester Brawn denunciou o que chamou de "confronto épico" entre os oitocentos milhões de proprietários de carros e os dois bilhões de pessoas mais pobres do planeta:

> Até o fim do próximo ano [2008], quase 30% da colheita de grãos [dos EUA] irá para as usinas de álcool, reduzindo a quantidade disponível para exportações. Como o mundo depende fortemente dos EUA, que é um dos maiores exportadores de milho e de trigo, isso vai criar problemas graves aos importadores de grãos.[19]

Em segundo lugar, por comprometer ainda mais o equilíbrio ambiental através do aumento da monocultura e do

16. "Geddel, por dom Luiz Cappio". Jornal *A Tarde*, 9 dez. 2007.

17. Cf. *Folha de S. Paulo*, 10 maio 2007.

18. Cf. id., 8 jun. 2007. BETTO, Frei. *Necrocombustíveis*.: Disponível em: <http://www.adital.com.br>.

19. *Folha de S. Paulo*, 2 jul. 2007. Cf. MONBIOT, George. Entre os automóveis e as pessoas. Disponível em: <http://www.agenciabrasildefato.com.br>. Acesso em: 29 mar. 2007.

desmatamento da Amazônia.[20] Em terceiro lugar, pela *superexploração e mesmo pela utilização de mão-de-obra escrava nos canaviais*. Se na década de 1980 se exigia do cortador de cana uma média de oito toneladas de cana/dia, hoje se exige em média 12 toneladas de cana/dia. Só em 2005 a Comissão Pastoral da Terra contabilizou 262 casos de trabalho escravo envolvendo 7.447 trabalhadores. De 1995 a 2005, foram resgatados 18.694 trabalhadores.[21] Tudo isso leva dom Tomás Balduíno a afirmar que

> a chamada "energia limpa" é limpa do cano de descarga para fora. Até chegar lá é tão suja que inclui até trabalho escravo. Retira a terra de quem precisa dela para viver. E agride o meio ambiente transformando a mata em monocultura. O cerrado [...] está sendo transformado na monocultura de eucalipto, cana, soja ou algodão. O etanol compensa para o mercado do Primeiro Mundo, que está precisando de energia para seus motores, mas de nós ele tira a chance de solucionar nossos problemas.[22]

Carcinicultura

A criação de camarão em cativeiro (carcinicultura) tem crescido enormemente nos últimos anos, sobretudo na região Nordeste. É uma atividade econômica altamente lucrativa (um dos ramos de destaque do agronegócio), mas de grandes impactos socioambientais:[23]

1. Com a construção dos viveiros nas margens de rios, gamboas, lagos e dunas, imensas áreas de manguezal (berço marítimo) e de mata ciliar ao longo dos rios vêm sendo destruídas.
2. A alta concentração de matéria orgânica produzida pelas fezes do camarão e pelos restos de ração e uso intenso de produtos químicos tem provocado mortandade de peixes, caranguejos, mariscos e crustáceos — fonte de sobrevivência de muitas comunidades —, doenças respiratórias, de pele, e até morte de trabalhadores.
3. Em algumas regiões, como no município de Aracati-CE, a construção de viveiros em áreas onde estão situadas as

20. Cf. MONBIOT, George. Art. cit. CNBB. *Campanha da Fraternidade 2007*, cit., pp. 51ss e 64. *Pronunciamento de bispos e pastores sinodais sobre a terra*, cit., pp. 30s.

21. Cf. *Pronunciamento de bispos e pastores sinodais sobre a terra*, cit., pp. 33-35.

22. BALDUINO, Tomás. Revista *Isto É* 1993, 16 jan. 2008.

23. Cf. Relatório Impactos da Carcinicultura: Diagnóstico do IBAMA, Relatório EMBRAPA, GT da Câmara dos Deputados. Disponível em: <http://www.terramar.org.br>. JÚNIOR, Francisco de Aquino. *A criação de camarão em cativeiro no Brasil*: impactos socioambientais. MEIRELES, Jeovah. *Carcinicultura*: desastre socioambiental no Ecossistema Manguezal do Nordeste brasileiro. Disponível em: <http://redmanglar.org>. Link: Documentos/Estudos/Artigos.

fontes de abastecimento do município (Comunidade do Cumbe) pode salinizar o lençol freático e comprometer o abastecimento de toda a região.

4. É uma das atividades que mais consome água. Utiliza-se de cinquenta a sessenta milhões de litros de água por tonelada produzida. Devido ao tamanho do espelho de água dos viveiros, o índice de evaporação é altíssimo. Sem falar que o desenvolvimento da atividade à margem de rios e lagoas, utilizando água doce, põe em risco a seguridade hídrica da população, sobretudo em regiões onde o abastecimento de água é precário.
5. A construção de viveiros às margens de rios, gamboas, lagos e dunas tem dificultado o acesso das famílias a seus lugares de trabalho, não sem conflitos, provocando uma verdadeira privatização dos acessos ao mar, rios e lagoas.
6. Recrudescimento do processo de concentração da terra e da água, uma vez que se trata de um processo racionalizado — previamente pensado, planejado e viabilizado econômica e politicamente: grandes produtores estão investindo na compra de terras em áreas de manguezal e nas margens dos rios, e seu poder econômico tem um peso decisivo na política de gestão dos recursos hídricos.
7. Enquanto em cinco hectares de mangues trabalham até trinta famílias, em cinco hectares de viveiros trabalham apenas duas pessoas — um arraçoador e um vigia.[24] É verdade que por ocasião da construção do viveiro (uma única vez) e das despescas (que duram aproximadamente três dias) se absorve um número maior de mão-de-obra, mas, regularmente, apenas duas pessoas, excluindo, até, a mão-de-obra feminina. Este é o "preço" socioambiental do acelerado e descontrolado crescimento da grande indústria (agronegócio) do camarão. Ele põe em questão sua sustentabilidade socioambiental, pelo menos na forma como vem-se desenvolvendo.

Carta de Fortaleza dos Povos das Águas (24.8.2006). Disponível em: <http://www.adital.com.br>.

24. "Dados oficiais do antigo Departamento de Pesca e Aquicultura (DPA) apontam a geração de 0,7 emprego por hectare cultivado, sendo que nas grandes fazendas do Ceará o valor é ainda menor, de 0,2 emprego/hectare cultivado, o que corresponde a vinte empregos (relações formais) em uma fazenda de cem hectares. Os produtores têm divulgado que a atividade gera 1,89 emprego direto por hectare, com base em uma pesquisa que teve como metodologia a aplicação de questionários nos centros de processamento, fazendas de engorda e laboratórios de produção de larvas." Relatorias Nacionais em Direitos Humanos, Econômicos, Sociais e Culturais – Informe 2004. Disponível em: <http://www.dhescbrasil.org.br>.

Dimensão socioambiental do Reinado de Deus

Se na primeira parte do artigo insistimos no caráter intrinsecamente social dos problemas ambientais, nesta segunda parte queremos explicitar seu caráter teologal (versão constitutiva a Deus) e teológico (envolvimento de Deus mesmo).[25] A *problemática ambiental*, enquanto problemática das formas sócio-históricas de uso e apropriação dos bens naturais, com suas implicações tanto na configuração das relações sociais quanto no equilíbrio do ecossistema, diz respeito, diretamente, à instauração do *Reinado* de Deus e, indiretamente, ao *Deus* do reinado.

Não se trata, simplesmente, de um problema ecossocial, de uma exigência moral, de um desafio pastoral. Trata-se, na verdade, de algo que toca negativa (pecado) ou positivamente (graça) no núcleo mesmo da fé cristã e que, portanto, lhe é constitutivo. De modo que nenhum cristão ou comunidade cristã pode ficar indiferente a essa problemática.

A fé cristã consiste, fundamentalmente, no seguimento de Jesus Cristo. E assim como o Reinado de Deus constituía o centro de sua vida,[26] da mesma forma deve constituir o centro da vida cristã — sua identidade mais profunda e radical.

O Reinado de Deus nada mais é que o governo, domínio ou senhorio presente e real de Deus sobre a vida daqueles que o reconhecem e o aceitam como seu Deus. Não é uma teoria abstrata sobre a onipotência/onisciência/onipresença divina nem mera *u*-topia humana. Consiste, precisamente, no fato real e atual de que *Deus reina*, ou no "ato de reger de Deus".[27] Por isso mesmo, falar do *Reinado de Deus* implica sempre falar do *Povo de Deus* — do povo sobre o qual Deus reina[28] e cuja vida, na medida em que é regida por ele, torna-se expressão real e atual de seu poder e senhorio.

Poder, senhorio, governo que diz respeito a todas as dimensões da vida — também, evidentemente, à dimensão socioambiental enquanto constitutiva da vida humana. Daí que se possa e se deva falar de e cuidar da dimensão socio-

25. O problema de Deus constitui "una dimensión de la realidad humana en cuanto tal. Por esto, este problema deve llamarse teologal. Teologal no significa teológico. Significa que es una dimensión humana que envuelve formal y constitutivamente el *problema* de la realidad divina, del Theos. Lo teologal lo es por envolver la *dimensión* que da a lo divino. Lo teológico envuelve a *Dios mismo*". ZUBIRI, Xavier. *El hombre y Dios*. Madrid: Alianza Editorial, 2003. p. 12.

26. A redescoberta da centralidade do Reinado de Deus na vida de Jesus é, certamente, uma das maiores novidades e contribuições da cristologia contemporânea. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesucristo liberador*: lectura histórico-teológica de Jesús de Nazaret. San Salvador: UCA, 2000. GONZALEZ FAUS, José Ignácio. *Acesso a Jesus*: ensaio de

ambiental do Reinado de Deus. Não se trata de algo meramente consecutivo, por mais importante que seja. Trata-se de uma de suas dimensões constitutivas, algo que mede ou mensura sua realidade, uma vez que, nela, está em jogo a efetivação ou negação do senhorio ou governo de Deus. Há, portanto, uma respectividade constitutiva entre o Reinado de Deus e a constituição do Povo de Deus que se objetiva e se expressa num modo concreto de viver.

A característica ou marca principal desse Reinado ou governo, diz Joachim Jeremias, exegeta alemão, é que "Deus está realizando o ideal de justiça que sempre se esperava do rei, mas nunca realizado na terra": proteção aos desamparados, fracos e pobres, às viúvas e aos órfãos.[29] E, de fato, nos Evangelhos, Jesus compreende sua missão como dirigida aos pobres (Lc 4,18), proclama os pobres como bem-aventurados (Lc 6,20; Mt 5,3), realiza sua ação messiânica curando enfermos, libertando possessos e proclamando boa-notícia aos pobres (Lc 7,18-23; Mt 11,2-6), põe o amor a Deus e ao próximo (caído/derrubado à beira do caminho) como condição para herdar a vida eterna (Lc 10,25-37) e estabelece como critério definitivo de pertença ou exclusão a seu Reinado o fazer ou não fazer pelos pequenos (Mt 25,31-46).[30]

A vida real/concreta dos pobres se converte, assim, em critério positivo (realização) e negativo (obstáculo/impedimento) do Reinado de Deus. Evidentemente, o fazer justiça aos pobres não esgota o Reinado de Deus. Mas constitui um critério radical, permanente e impreterível de sua efetivação e/ou de sua negação. Daí a necessidade de recorrer ao que Jon Sobrino chama "via do destinatário" de Reinado de Deus tanto para compreender seu conteúdo quanto para realizá-lo na história.[31]

No que diz respeito ao enfrentamento teórico e prático da problemática ambiental, enquanto problemática do Reinado de Deus, é preciso: (a) verificar até que ponto e em que medida as formas sócio-históricas de uso e apropriação dos bens naturais em voga, efetivamente, expressam ou obstaculizam/impedem o governo/senhorio/Reinado de Deus e (b) encontrar ou forjar formas de uso e apropriação desses

teologia narrativa. São Paulo: Loyola, 1981. GNILKA, Joachim. *Jesus de Nazaré*: mensagem e história. Petrópolis: Vozes, 2000. FABRIS, Rinaldo. *Jesus de Nazaré*: história e interpretação. São Paulo: Loyola, 1988. MOLTMANN, Jürgen. *Quem é Jesus Cristo para nós hoje*. Petrópolis: Vozes, 1997. KESSLER, Hans. Cristologia. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2002. v. I, pp. 219-400.

27. SOBRINO, Jon. Op. cit. p. 128.

28. Por tratar-se de uma realidade e de um conceito, fundamentalmente, dinâmico-relacionais (poder de reinar, autoridade do rei sobre seu povo), antes que estático-espaciais (território), os exegetas preferem falar de Reinado em vez de Reino. Cf. JEREMIAS, Joachim. *Teologia do Novo Testamento*: a pregação de Jesus. São Paulo: Paulus, 1977. pp. 153ss.

bens que, real e efetivamente, sejam expressão desse Reinado. Um critério seguro e impreterível para isso, conforme dissemos já, é a situação real dos pobres e pequenos no contexto da problemática ambiental. Daí que:

1. O enfrentamento cristão da problemática ambiental não pode prescindir de sua dimensão social e, nela, da situação real e concreta dos pobres e pequenos. Nenhum ecologismo a/antissocial (se é que é possível) pode, sem mais, ser dito cristão. A vida de uma criança de rua — envolvida com droga, tráfico, roubo etc. — é, na dinâmica do Reinado de Deus, incomparável e absolutamente mais importante e mais definitiva que qualquer mico-leão dourado em extinção ou qualquer cachorrinho de madame. As consequências trágicas do antropocentrismo capitalista ocidental[32]— socialmente injusto e ecologicamente insustentável — não justificam certas tendências ecologicistas que tendem a reduzir o ser humano a um animalzinho entre outros e a tratar com indiferença o "destino" imposto aos pobres.

Nem sequer certas tendências holísticas que primam pela "harmonia" e "equilíbrio" interior e social, na medida em que mascaram os conflitos ou os tratam com indiferença e, assim, contribuem para a manutenção dos *status quo* de dominação e opressão na sociedade, podem ser ditas cristãs. O fato de a sociedade não poder ser reduzida, simplesmente, a um campo de batalha/conflito, não significa que se possa ofuscar os reais conflitos ou tornar-se indiferente a eles. Tampouco vale, sem mais, o dito "ou nos salvamos todos ou todos pereceremos", como se o risco afetasse a todos na mesma medida e urgência.

Embora os problemas ambientais, de alguma forma, afetem o mundo todo e ponham em risco o futuro da humanidade no planeta, não afetam a todos na mesma proporção e imediatez. Os países pobres e, neles, as comunidades mais pobres — muito mais dependentes da natureza e muito mais vulneráveis às suas forças — sofrem seus efeitos de modo muito mais imediato e dramático. Se a situação ambiental, em seu conjunto, é dramática, muito mais dramática é, nela, a situação dos pobres. Daí que, no enfrentamento da

29. Id., ibid. p. 154.

30. A propósito da discussão exegética do texto, ver o comentário de Alonso Schökel no rodapé da Bíblia do Peregrino, bem como Antonio Gonzalez, "Mateo 25 y la esperanza de los pobres". Disponível em: <http://www.praxeologia.org>.

31. SOBRINO, Jon. Op. cit. pp. 142-156.

32. Cf. BOFF, Leonardo. *Nova Era*: a civilização planetária. São Paulo: Ática, 1994. pp. 66-70. Id. *Ecologia*: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995. pp. 101-134.

33. "Deus é o todo-poderoso e a *potência absoluta* é a característica principal de seu ser-Deus. Por isso sua *imagem e semelhança* sobre a terra, a pessoa humana — isso significava, deveras, o homem — precisa aspirar por poder e superpoder para, assim, alcançar sua própria divindade. Não bondade e verdade, mas poder tornou-se a característica principal

problemática ambiental, a situação e as necessidades fundamentais dos pobres devam ter absoluta prioridade.

2. Do ponto de vista estritamente teologal e teológico, é insuficiente uma abordagem meramente criacional da problemática ambiental. Não basta reconhecer e confessar que toda a natureza é criação de Deus e que, por isso, é portadora de uma dignidade e sacralidade invioláveis. Tampouco basta reconhecer que uma certa visão de Deus e, consequentemente, de sua imagem e semelhança, o ser humano, foi responsável, em grande parte, pela forma capitalista de uso e apropriação dos bens naturais.[33] Nem sequer basta postular uma concepção mais integral e cósmica do ser humano — parte da criação.[34]

É necessário tomar seriamente em consideração o fato de que a crise ecológica é fruto de uma determinada forma social de uso e de apropriação dos bens naturais, que, negativamente, obstaculiza e impede o governo ou senhorio de Deus neste mundo e, positivamente, constitui-se como objetivação do antirreino — cuja expressão mais radical é a injustiça social e a ameaça ao ecossistema. É preciso levar em consideração a condição cativa de grande parte da humanidade e da própria natureza e lutar contra o domínio e senhorio dos poderes e poderosos deste mundo — resgatar a humanidade/criação cativa e instaurar uma nova dinâmica de uso e apropriação dos bens naturais que garanta, em primeiro lugar, a vida dos pobres da terra e, em segundo lugar, a biodiversidade e o equilíbrio do ecossistema.

Noutras palavras: a criação, na perspectiva bíblica, é inseparável da salvação/redenção. Há, mesmo, pelo menos do ponto de vista histórico-experiencial, um primado da salvação-redenção sobre a criação.[35] Mais ainda: a criação é experimentada, em primeiro lugar, como salvação, e sua confissão está, em grande parte, em função da mesma salvação. No fim das contas, a plenitude da criação acaba coincidindo com a plenitude da salvação. Poder-se-ia dizer que o que deve ser salvo/redimido é o que foi criado e que, portanto, a perspectiva da criação é mais radical do que a perspectiva da redenção.

da divindade [...] O objetivo do conhecimento científico das leis da natureza é o poder sobre a natureza e, com isso, o restabelecimento da imagem de Deus para a pessoa humana." MOLTMANN, Jürgen. *Doutrina ecológica da criação.* Petrópolis: Vozes, 1993. pp. 50s. Cf. SATTLER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da criação. In: SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*: Petrópolis: Vozes, 1992. v. I, pp. 114-215, aqui pp. 115s.

34. Cf. SATTLER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da criação, cit., pp. 117s. BOFF, Leonardo. *Ecologia*: grito da terra, grito dos pobres, cit., pp. 63-100.

35. Cf. TRIGO, Pedro. *Criação e história.* Petrópolis: Vozes, 1988. pp. 58-83. SATTLER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. Doutrina da criação, cit., pp. 141-144.

Em parte, é verdade. Desde que se reconheça que: (a) a criação realmente existente é a que precisa ser redimida, que (b) só na medida em que é redimida pode revelar-se plenamente e que (c) isso não signifique uma relativização nem leve a um enfraquecimento da missão salvífico/redentora que compete à Igreja, hoje, enquanto corpo histórico de Jesus Cristo.

Importa, em última instância, buscar e/ou abrir caminhos que sejam mediações reais e efetivas do Reinado ou governo de Deus na dimensão socioambiental da vida humana, isto é, encontrar ou criar formas sócio-históricas de uso e apropriação dos bens naturais que sejam, ao mesmo tempo, socialmente justas e ecologicamente sustentáveis. Para isso requer-se muita criatividade e ousadia. Não existe receita nem *abracadabra*, nem caminho único. As formas de enfrentamento dependem da situação, das reais possibilidades dos grupos mais diretamente envolvidos, da correlação de forças nos interesses em jogo etc. Tampouco se trata de algo tranquilo, pacífico, harmônico.

Na problemática ambiental, estão em jogo interesses muito distintos, sobretudo econômicos. A perseguição e mesmo o martírio de tantas lideranças populares são expressões inequívocas da dimensão e profundidade do conflito. Não obstante, há resistência, lutas, experiências, entregas, conquistas etc., nas quais se pode reconhecer o senhorio e a realeza de Deus. Trata-se de realidades limitadas, impotentes, ambíguas, contraditórias, como queira, mas reais e efetivas. Realidades que são ao mesmo tempo indícios/sinais e sal/fermento socioambientais do Reinado de Deus. Gostaríamos de destacar apenas três delas.

Em primeiro lugar, o que poderíamos chamar de *movimento ecológico popular*, onde "a luta em defesa do ambiente natural e das populações pobres adquiriu uma real simbiose".[36] Trata-se de uma quantidade enorme de pequenos e grandes movimentos, mais ou menos articulados, na busca de uma nova forma de gestão dos bens naturais a partir e em função das necessidades e dos interesses das comunidades

36. PÁDUA, José Augusto de. Op. cit. pp. 57s.

pobres. Dos movimentos mais localizados e pontuais aos mais amplos e institucionalizados.

Dos que se enfrentam com pessoas, empresas e grupos particulares aos que se enfrentam com governos e órgãos públicos (municipal, estadual ou federal): preservação e socialização de uma lagoa, de um açude, de um rio, do manguezal etc.; organização de seringueiros, de quebradeiras de coco, de castanheiros; Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB); movimentos de sem-terra; movimentos indígenas; organização de pescadores e marisqueiras; Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); movimentos de agroecologia, Economia Popular Solidária (EPS); associações e Movimento Nacional de Catadores de Material Reciclável, entre outros. Como parte dessa luta socioambiental mais ampla e como presença visível e institucional da Igreja, estão, entre outros, a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), o Conselho Pastoral dos Pescadores (CPP), a Pastoral do Povo da Rua e a Cáritas.

Aí se vai, aos poucos, desenvolvendo formas de uso e apropriação dos bens naturais socialmente mais justas e ecologicamente mais sustentáveis. Dessas experiências vai emergindo uma nova imagem e autocompreensão do ser humano, que, por sua vez, tornam-se decisivas na busca e no aprofundamento dessas mesmas experiências. Aqui vale, acima de tudo, uma das propostas do *Documento de Aparecida*: "Aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório e apoiá-las em seus esforços para conseguir equitativa distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos" (n. 474b).

Em segundo lugar, o *profetismo socioambiental*. Tanto no seu aspecto de denúncia quanto no seu aspecto de anúncio. Ele abrange três níveis ou adquire três configurações. A primeira e mais fundamental é aquela que se identifica com a própria vida de pessoas e comunidades pobres. Suas vidas, privadas das condições materiais básicas de sobrevivência, são, em si mesmas e sem mais, denúncia da forma de uso e apropriação dos bens naturais em voga. E são, às vezes, anúncio

de formas socialmente mais justas e ambientalmente mais sustentáveis. É o caso, por exemplo, de muitas comunidades tradicionais e de muitas experiências agroecológicas e de EPS mais recentes.

A segunda diz respeito à função ou dimensão profética do que chamamos antes de movimento ecológico popular. Tem um caráter marcadamente coletivo e organizativo. É exercida através da organização dos pobres e seus aliados, denunciando determinadas formas de uso e apropriação dos bens naturais e ensaiando e anunciando formas socialmente mais justas e ambientalmente mais sustentáveis de gestão dos mesmos. É a profecia dos movimentos socioambientais.

A terceira é a que se insere na tradição dos grandes profetas bíblicos. Emerge, normalmente, em situações-limite e se caracteriza pela radicalidade do conteúdo (ir à raiz) e da forma como é exercida (desconcertante/chocante/provocativa). É o caso, por exemplo, de um Pedro Casaldáliga, de um Tomás Balduino, ou, mais recentemente, de um Luiz Cappio. O jejum profético de dom Cappio, por exemplo, foi, sem dúvida alguma, um gesto extremo, radical, difícil de ser compreendido e digerido. "Escândalo e loucura" para uns, "força de Deus e sabedoria de Deus" para outros (1Cor 1,18-31).

Como dizia na carta ao presidente Lula, por ocasião do primeiro jejum (26/9-5.10.2005), "quando cessa o entendimento e a razão, a loucura fala mais alto". Torna-se o último grito de denúncia, o último apelo ao coração, o último suspiro da teimosa "esperança contra toda esperança", a expressão última de fidelidade, amor e entrega à vida e ao Deus da vida. E isso, dizia em sua carta por ocasião do fim do segundo jejum (27/11-20.12.2007), "vale uma vida, e sou feliz por dedicar-me a esta causa, como parte de minha entrega ao Deus da Vida, à Água Viva que é Jesus, e que se dá àqueles que vivem massacrados pelas estruturas que geram a opressão e a morte".

Em terceiro lugar, o *martírio por causa dos pobres*. A lista de cristãos e não-cristãos assassinados nas últimas décadas na América Latina, na luta pela justiça, pelo direito dos pobres, é imensa.[37] O martírio é a expressão mais radical de fideli-

37. Cf. Martirologio latinoamericano. Disponível em: <http://www.servicioskoinonia.org/martirologio>. Muitos cristãos, perguntando-se o que isso tem a ver com a fé, chegaram à conclusão que, se a característica fundamental do Reinado de Deus é a oferta de salvação aos pobres, tudo o que contribui para a salvação dos pobres, na mesma medida e proporção, contribui para a realização do Reinado de Deus — alargando e radicalizando,

dade a uma causa/pessoa. É um testemunho tão radical que se impõe, por si mesmo, negativa ou positivamente, como digno de credibilidade. Afinal, não se entrega a própria vida por banalidade. Daí que a memória dos mártires tenha um poder de convocação e mobilização impressionante — não obstante toda sua impotência. Não sem razão, diz Casaldáliga que "não há nada mais revolucionário do que o cadáver de um mártir". Não sem razão, dizia Tertuliano que "o sangue dos mártires é semente de novos cristãos". Evidentemente, não se trata de qualquer memória.

> Há uma memória que é mera recordação do passado, uma memória morta, uma memória arquivada, uma memória do que não está mais vivo. Há outra memória que torna o passado presente não como mera recordação, mas como presença viva, como algo que, sem ser mais presente, tampouco é totalmente ausente, porque, definitivamente, é parte da própria vida, não da vida que foi e passou, mas da vida que continua sendo.[38]

É desta memória que se trata. Por isso, na Eucaristia (memória de Jesus, o protomártir), imploramos ao Espírito que "nos transforme naquilo que celebramos" — seu corpo e sangue entregues. Fazer memória dos que entregaram a vida na luta por formas socialmente mais justas e ecologicamente mais sustentáveis de uso e apropriação dos bens naturais é, ao mesmo tempo, confirmar as causas e pessoas pelas quais entregaram suas vidas e comprometer-nos a tomar parte na mesma luta. Celebrar a memória de Chico Mendes, de Margarida Alves, de irmã Dorothy Stang, de Chicão Xucuru, de padre Josimo etc. é, portanto, atualizar, agradecida e comprometidamente, sua vida entregue — é comprometer-se a tomar parte na mesma entrega. Nisso reside o poder da memória dos mártires: em sua atualização em nossa vida. É através dela que eles continuam presentes e atuantes.

São apenas indícios/sinais, é verdade. Mas indícios/sinais que, como fermento (Mt 13,33), sal (Mt 5,13) e luz (Mt 5,14ss), vão apressando a hora do parto (Rm 8,22): forçando e fragilizando o dinamismo socioambiental vigente e abrin-

assim, enormemente, a concepção cristã de martírio. "Mártir não é apenas nem principalmente o que morre *por* Cristo, mas o que morre *como* Jesus; mártir não é apenas nem principalmente o que morre *por causa* de Cristo, mas o que morre *pela causa* de Jesus." SOBRINO, Jon. Op. cit. pp. 440-451, aqui p. 444.

38. ELLACURÍA, Ignacio. Memória de monseñor Romero. In: *Escritos Teológicos III*. San Salvador: UCA, 2002. p. 115.

do espaço para que, aos poucos, possa ir sendo reconfigurado na força e no dinamismo do Deus de Jesus (1Cor 4,20). Assim, a dimensão socioambiental do Reinado de Deus vai tomando corpo, vai-se objetivando na história. Impotente, como na práxis de Jesus de Nazaré, mas eficiente! Importa abrir-nos a esse dinamismo, deixá-lo tomar corpo em nossa vida e, através dela, no conjunto da sociedade. Nisto, precisamente, consiste ser corpo de Cristo na história!

Conclusão

Não era nossa intenção fazer uma apresentação global da problemática ambiental nem das formas de enfrentamento da mesma. Queríamos tratar apenas de duas questões: seu caráter intrinsecamente social e sua abordagem cristã. E com uma finalidade muito concreta: ajudar os cristãos a enfrentar, de modo cristão, a atual problemática ambiental.

Evidentemente, essa problemática pode ser abordada sob muitos aspectos, e o enfoque cristão da mesma não se reduz à questão da justiça aos pobres. O aspecto e o enfoque aqui desenvolvidos se justificam por duas razões. Em primeiro lugar, por serem aspecto e enfoque constitutivos e centrais da problemática ambiental e do enfrentamento cristão da mesma, respectivamente. Em segundo lugar, pela tendência/tentação atual de muitos cristãos de relativizarem (ingênua ou cinicamente) sua dimensão social e o caráter salvífico-redentor-libertador que caracteriza o enfrentamento cristão da mesma.

Que abordemos outros aspectos, que ampliemos as abordagens. Mas que não ofusquemos nem relativizemos o aspecto social da problemática ambiental, nem a centralidade da justiça aos pobres, que caracteriza o modo cristão, teórico e prático, de enfrentamento da mesma.

Oração a São Francisco em forma de desabafo

Pedro Casaldáliga

Compadre Francisco, como vais de glória?

E a comadre Clara, e a irmandade toda?

Nós, aqui na terra, vamos mal vivendo, que a cobiça é grande e o amor, pequeno.

O amor divino é mui pouco amado e é flor de uma noite o amor humano.

Metade do mundo definha de fome e a outra metade, com medo da morte.

A sábia loucura do santo Evangelho tem poucos alunos que a levem a sério.

Senhora pobreza, perfeita alegria andam mais nos livros do que nas nossas vidas.

Há muitos caminhos que levam a Roma. Belém e o Calvário saíram de rota.

Nossa Madre Igreja melhorou de modo. Mas tem muita cúria e carisma pouco.

Frades e conventos criaram vergonha, mas é mais no jeito do que por vida nova.

Muitos tecnocratas e poucos poetas, muitos doutrinários e poucos profetas.

Armas e aparelhos, trustes e escritórios planejam a história, manejam os povos.

A mãe natureza chora, poluída no ar e nas águas, nos céus e nas minas.

Pássaros e flores morreram de amargura, e os lobos do espanto ganharam as ruas.

Murchou o estandarte da antiga arrogância. São de ódio e lucro as nossas cruzadas.

Sucedem-se as guerras e os tratados sobram. Sangue por petróleo os impérios trocam.

O mundo é tão velho que, para ser novo, compadre Francisco, só fazendo outro...

[...] Quando Jesus Cristo e Nossa Senhora venham dar um jeito nessa terra nossa.

Compadre Francisco, tu faz uma força, e a comadre Clara, e a irmandade toda.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Em que nível está o conhecimento que tenho da degradação ambiental e humana neste momento histórico?
2. Como minha comunidade reage diante das questões socioambientais que sobressaem no momento atual?
3. A prática de Jesus é iluminação para nossa missão em defesa da vida? Como?

O Projeto "Palabra-Vida", da CLAR, vinte anos depois

EDÊNIO VALLE, SVD*

1. Escrevo o presente artigo com uma forte resistência interior, coisa que não me é frequente. Mesmo passados mais de vinte anos, tenho dificuldade em voltar ao que vivi quando me foi confiada pela CLAR a coordenação do Projeto "Palabra-Vida", um programa de leitura bíblica preparado com grande carinho e dedicação por um grupo de biblistas latino-americanos com a dupla intenção de recolocar a Bíblia nas mãos dos(as) religiosos(as), reeducando-os para a leitura orante da Palavra de Deus e para lê-la a partir dos pobres, para, assim, "fazer memória" dos 500 anos da evangelização de nosso continente.

Voltar ao assunto é oportuno também porque o próximo Sínodo Mundial dos Bispos tem como tema e objetivo exatamente o mesmo que pretendia a CLAR quando se discutiam as maneiras mais indicadas para comemorar os 500 anos de evangelização das Américas.

Resolvi escrever este texto por três razões. Primeiro por ter recebido um convite da revista chilena. Segundo, porque cheguei à conclusão de que era importante voltar ao assunto, também para os(as) religiosos(as) do Brasil, agora que é outra a situação da Igreja, como o demonstrou a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, em Aparecida. Terceiro, porque o exemplo recente dado por dois grandes bispos (o cardeal Martini e dom Isnard) mostrou-me que é preciso que na Igreja se fale com mais transparência sobre o que acontece.

Vou expor, com a devida modéstia, meu ponto de vista pessoal. Pode ser que outros venham a ter opiniões diferentes a respeito do que aqui vou expor.

*Edênio Valle é padre da Congregação do Verbo Divino, doutor em Psicologia; professor de Psicologia da Religião no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião - PUC-SP. **Endereço do autor:** Rua Ministro Godói, 969, 4º andar, Perdizes, São Paulo-SP, CEP 05015-901. Tel./Fax: (11) 3670-8529.

2. Ao refletir sobre essa minha resistência em voltar ao tema do "Palabra-Vida", chego à conclusão de que o Projeto representa ainda hoje uma das maiores decepções de minha vida de religioso. Não foi, para mim, uma experiência *eclesiástica* positiva, mas aumentou meu amor e compreensão com respeito à fragilidade da Igreja. Ou seja, enriqueceu meu senso e experiência *eclesial*. Vi, posteriormente, que vários pontos de nosso programa, que foram apontados por autoridades da Igreja como negativos, passaram a ser mais tarde enfatizados pela Igreja oficial em documentos de peso e em encontros da importância do Sínodo de Bispos, que terá lugar em Roma em outubro de 2008.

Devo confessar, porém, que até hoje tenho dificuldades em aceitar e compreender porque e como o projeto encontrou uma tão unilateral condenação por parte da presidência do CELAM, não sem o apoio das autoridades maiores de nossa Igreja.

Quis a vontade de Deus que mais ou menos à mesma época eu fosse eleito presidente da Conferência de Religiosos do Brasil (CRB). No exercício do cargo, durante seis anos, por decisão da Assembleia Geral da CRB de 1988, pude levar adiante o projeto (sob o nome de "Tua Palavra é Vida") com inteira aprovação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil[1] e, mais ainda, da Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB. Note-se que à frente da CNBB estava o santo e sábio dom Luciano Mendes de Almeida, sj, e à testa da Comissão de Doutrina o igualmente sábio e santo cardeal Aloísio Lorscheider, ofm.

Que interessante! Em um nível de Igreja, condenação veemente; em outro, aceitação e louvor. Entende-se que um simples padre como eu e uma Comissão Bíblica do gabarito da que iria redigir os textos dos cinco volumes previstos pela CLAR (que, aliás, nem chegaram a ser redigidos, devido aos obstáculos que se foram acumulando a cada dia!) não podiam deixar de sentir-se perplexos pelas posições que foram sendo assumidas publicamente pela presidência do CELAM e por alguns episcopados nacionais com relação ao projeto.

1. Os seis volumes da coleção brasileira tinham o *imprimatur* do secretário-geral da CNBB, dom Antônio Celso de Queiroz. Além disso, passavam antes pela Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB. Que eu saiba, nenhuma outra publicação da Igreja teve uma aprovação tão qualificada por parte do magistério episcopal. Acentuo que a Equipe da CRB escreveu exatamente aquilo que, com toda certeza, teria sido escrito pela Equipe de Reflexão Bíblica da CLAR. Por que posso afirmá-lo? Pelo fato de quatro de seus principais membros (frei Carlos Mesters, oc; frei Francisco Rodrigues Orofino, ofm; irmã Rosana Pulga, spf; e padre Edênio Valle, svd) terem tido parte ativa na elaboração do projeto da CLAR. A obra que esse mesmo grupo acabou podendo redigir com decisivo apoio dos bispos do Brasil

3. No presente artigo, vejo-me obrigado a ater-me apenas ao material de que disponho no momento, procurando fazer o possível para ser objetivo,[2] evitando ser contaminado pela irritação, e quase indignação, que sinto ainda hoje quando penso no que realmente aconteceu por ocasião daquela situação dolorosamente desnecessária que se criou e que obrigou a CLAR a desistir de um projeto que, segundo meu juízo, poderia ter trazido enorme bem à Vida Religiosa da América Latina, como os fatos posteriores demonstraram. Não quero julgar as intenções das pessoas envolvidas e evitarei citar nomes. Digo, porém, que vários dos bispos diretamente envolvidos estão hoje nos mais altos postos da hierarquia mundial. Deus sabe o que faz, diz o povo brasileiro.

4. Por motivos de clareza, vou dividir minha exposição em três pontos principais. No primeiro, apresentarei o que a CLAR e, posteriormente, a CRB se propunham. Pretendo usar quase verbalmente o dito nos dois projetos. Evitarei ficar citando os textos completos para não tornar a leitura demasiada pesada.

Em segundo lugar, tendo presente o que os(as) religiosos(as) da América Latina e do Brasil estavam se propondo, mencionarei o juízo que alguns episcopados nacionais e o CELAM fizeram dos projetos. Será fácil ver que os bispos do Brasil em nenhum momento seguiram a orientação que vinha de Bogotá. A discrepância das duas tomadas de posições, lidas hoje, chega a surpreender. Mostra que existiam outros fatores em jogo, provavelmente em virtude das tensões então existentes na Igreja e na conjuntura sociopolítica de então, especialmente aguçadas em alguns dos países que tinham maior representação no CELAM.[3]

Em terceiro lugar, à guisa de conclusão, será feito um pequeno balanço.

está aí como prova cabal de que o Projeto "Palabra-Vida" era não só católico como perfeitamente ortodoxo, levando a uma compreensão teológica e espiritual nova do mistério cristão no contexto de nossa realidade e cultura latino-americanas.

2. Infelizmente, não disponho dos arquivos da CLAR onde estão — penso eu — guardados os documentos, pronunciamentos, cartas e atas de encontros relativos ao projeto, enquanto estava sobre a responsabilidade da presidência da CLAR e da Comissão Bíblica por ela nomeada *ad hoc*. Há mesmo um texto de cerca de cem páginas, elaborado pelos biblistas da Comissão, no qual são esclarecidos os pontos que eram vistos pelas autoridades (parte delas!) como inaceitáveis e até mesmo nocivos à Igreja, que, a pedido do papa João Paulo II, se propunha uma nova evangelização

O Projeto "Palabra-Vida" da CLAR[4]

O nascimento do projeto

O Projeto "Palabra-Vida" não nasceu de repente. Tem suas raízes mais remotas no movimento de renovação bíblica da Igreja que culminou com a *Dei Verbum*, um dos documentos mais ricos do Concílio Vaticano II. Também a Vida Religiosa havia sentido e se beneficiado com essa bênção do espírito que foi a renovação bíblica. Mas, no caso da América Latina, o recentramento na Palavra de Deus encontrou um segundo e poderoso incentivo na maneira como milhões e milhões de pessoas e comunidades, o povo, superando um distanciamento e uma alienação de séculos, começaram a colocar a Palavra de Deus no centro de suas vidas.

Não se pode deixar de reconhecer que houve também uma não pequena influência da impressionante e rápida penetração das Igrejas evangélicas nos meios populares. No seio da Vida Religiosa, a leitura orante tem sua longa e própria trajetória. É parte integrante de sua "Traditio" mais autêntica. Os capítulos gerais de renovação, mandados pelo Concílio, apoiaram de maneira decidida o retorno a essa antiga tradição da Vida Religiosa.

Nem na Igreja nem na Vida Religiosa o processo foi fácil. O que aconteceu com o "Palabra-Vida" é uma prova das dificuldades encontradas pela Igreja. Foi um impasse sentido até dentro da Comissão do Concílio Vaticano II encarregada de redigir a *Dei Verbum*. Ninguém menos que o cardeal Carlo Martini — então um jovem professor de Exegese — escreveu que uma frase importante da *Dei Verbum* ("a Igreja sempre teve e tem [as Sagradas Escrituras] como suprema regra de sua fé": n. 21), só após duras e difíceis discussões, foi aceita pela Comissão e inserida no texto.

Alguns bispos e assessores tinham medo de acentuar demasiado a importância da Bíblia na vida da Igreja e dos fiéis. Talvez se trate, ainda, do "efeito Lutero". Interessante como, na América Latina, a Bíblia — o livro em si — em pouco tempo foi vendido a dezenas de milhões. Em pouco tempo

de nosso continente por ocasião dos 500 anos da chegada dos espanhóis (1992). Vou ater-me aos subsídios de que disponho diretamente, valendo-me de minha memória em um ou outro ponto. São três as minhas principais fontes: 1) *Projeto "Palabra-Vida". A palavra convoca – 1988-1989.* Rio de Janeiro: Publicações da CRB, 1988. 2) *A leitura orante da Bíblia.* Rio de Janeiro-São Paulo: Publicações da CRB-Loyola, 1990. v. 3. (Coleção "Tua Palavra é Vida".) MESTERS, Carlos; VALLE, Edênio. La lecture de la Paroel de Dieu à partir des pauvres. Le Projet Parole et Vie de la CLAR. In: BERTEN, Ignace; LUNEAU, René (Org.). *Les rendez-vous de Saint Domingue. Les enjeux d'un anniversaire.* Paris: Centurion, 1991. pp. 149-177.

ele passou a fazer parte da vida das pessoas, das famílias e das comunidades. Tanto as comunidades católicas quanto as de extração protestante viveram esse processo tão promissor, revigorante do que é mais essencial em nossa fé cristã.

2. O papa João Paulo II, ao incentivar a Igreja a preparar-se para o V Centenário da Evangelização da América, criou como que um objetivo de fundo para a ação da Igreja na década de 1980: a Nova Evangelização. A presidência do CELAM levou a sério o apelo e orientação do papa. Em outubro de 1985, monsenhor Quarracino, seu então presidente, chamou à sede do CELAM a presidência da CLAR, da qual eu fazia parte, para expor-nos algumas idéias sobre a preparação para o ano de 1992 e para solicitar a colaboração da CLAR, cuja força apostólica foi posta em ressalto.

Religiosos e religiosas presentes receberam com muita abertura e interesse as ideias que o CELAM já começava a esboçar. Lembro-me que, no entanto, nós não estávamos vendo bem o que fazer, já que o elenco de iniciativas que o CELAM nos apresentava era extenso e variado. Pessoalmente, recordo-me de ter comentado que estava faltando um fio condutor que pudesse retomar o passado (os 500 anos), marcar o presente e jogar a Vida Religiosa em direção a um futuro centrado no que constitui o essencial de sua razão de ser na Igreja. Àquela altura, definíamos como carisma da Vida Religiosa a missão de ser um sinal profético do Reino.

Foi, então, marcada uma reunião da presidência em Buenos Aires, para discutir com todos os presidentes das conferências nacionais qual deveria ser a participação da CLAR. Cada participante deveria trazer as sugestões de sua respectiva Conferência. A Nova Evangelização representava o grande horizonte de referência. Os 500 anos era o segundo marco que deveríamos ter presente, uma vez que tínhamos consciência do papel que exercemos na história do continente, para o bem e, também, para o mal. Foi dessa troca de sugestões e reflexões que nasceu a idéia de fazer da leitura da Palavra de Deus o grande eixo de nossa resposta ao apelo do Santo Padre e do CELAM.

3. No que respeita ao Brasil, essas tensões externas e internas são bem analisadas por José Oscar Beozzo, "La reprise en main d'une Église: le Brésil", in: BERTEN, Ignace; LUNEAU, René (Orgs.), *Les rendez-vous de Saint Domingue. Les enjeux d'un anniversaire*, cit., pp. 178-182.

4. O projeto da CLAR não é o mesmo que a CRB desenvolveu nos anos seguintes sob o nome de "Tua Palavra é Vida". Sem dúvida, porém, o projeto brasileiro se inspirou no da CLAR e quis conscientemente mostrar à Igreja do continente o caráter eclesial do que a CLAR pretendia. Diga-se de passagem que o projeto da CRB teve grande repercussão em todos os países latino-americanos e mesmo em países de outros continentes.

Lembro-me bem de que, no último dia, alguém falou de uma "cuidadosa escuta à Palavra de Deus, lida desde os pequenos da história". Escrevi isso em minha agenda daquele dia como sendo o resumo de tudo o que havíamos conversado e como a grande meta em direção à qual queríamos orientar nossos esforços.

3. Essa ideia-mãe foi entregue a uma Comissão *ad hoc*, que se reuniu em São Paulo, na Casa Central dos Verbitas. Ao lado dos biblistas citados na nota número 1 deste artigo, estavam presentes, pelo que me lembro, mais algumas pessoas conhecidas pela sua atuação no campo dos estudos e do apostolado bíblico em distintos países.[5]

Esse grupo elaborou em três dias o essencial do projeto. Em uma reunião entre as presidências do CELAM e da CLAR, parece-me que em junho de 1988, o esboço de projeto foi apresentado aos bispos. Eu mesmo fiz a exposição. Foi bem acolhido. Saímos do CELAM certos de que tínhamos carta branca para iniciar nosso trabalho de leitura orante da Palavra de Deus a partir dos pobres. Seria um largo programa de cinco anos: de 1988 a 1992. Sabíamos muito bem que havia em alguns bispos fortes reticências quanto à CLAR, mas pensávamos que a preparação a Santo Domingo (1992) seria uma ocasião providencial para um acerto de ponteiros. A escuta da Palavra despertaria em nós as condições para a comunhão e participação de que tanto falara o Documento de Puebla. Por essa razão, caiu como um raio sobre nós, da Comissão Bíblica da CLAR, o que, em fevereiro de 1989, começou a ser dito e difundido a partir do episcopado da Colômbia e da própria presidência do CELAM. Antes de falar dessas pesadas condenações (sem prévia audiência da *altera pars*, que éramos nós), é importante expor algo do Projeto "Palabra-Vida".

A que o Projeto "Palabra-Vida" se propunha?

O texto em que eram apresentadas as linhas gerais do projeto começava dizendo que o objetivo geral do projeto era o de: "Alimentar a VIDA com a PALAVRA DE DEUS, lida

5. Javier Saravia, sj; Felix Catlá, cssr; Gavínia Otiz, cach; Neftali Velez, sj; José Luiz Caravias, sj; Pedro Drouin, cjm; Rosana Pulga, spf; Carmen Comellas, rscj; Luiz E. Patino, ofm; e a leiga Virgínia Uranga. Posteriormente, uniram-se a esse grupo dedicado dois outros grandes biblistas, o colombiano P. Mariuo Franco, sj, e frei Camilo Macicce, ocd. A irmã Hermengarda Alves Martins, rscj, secretária-geral da CLAR, foi desde o início o grande ponto de apoio do trabalho, e a mim coube a coordenação. A bem da verdade, diga-se que o cérebro de todo o trabalho foi um carmelita de coração iluminado, frei Carlos Mesters.

a partir do pobres, para uma mobilização da Vida Religiosa latino-americana, em vista de uma Nova Evangelização (cf. Discurso do papa João Paulo II em Santo Domingo, em 12 de outubro de 1984)".

Em seguida, eram enumerados cinco objetivos específicos, a saber: aprofundar, em comunhão eclesial, a vocação profética da Vida Religiosa no momento atual da América Latina; compreender melhor a história do povo da Bíblia em estreita relação com a história dos diferentes povos da América Latina. Dar ênfase às etapas mais importantes de ambas as história; aprender a ler a Bíblia em comunidade, a partir da realidade dos empobrecidos, com nova metodologia evangelizadora, de acordo com as necessidades de nossas comunidades cristãs; suscitar a conversão da Vida Religiosa à luz da Palavra, deixando-se interpelar por ela.

Experimentar e celebrar a conversão como dom gratuito de Deus presente e atuante em nossa vida pessoal, comunitária e social; iluminar com a Bíblia a missão libertadora da Vida Religiosa, manifestada nos processos de inserção e inculturação.

É fácil perceber que à Comissão Bíblica interessava chegar a um esquema didático que facilitasse a difícil tarefa de ler em comunidade toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse, ao longo de cinco anos, com o fito de chegar renovados ao ano de 1992. São cinco as palavras-chave que a Comissão colocou em relevo com esses cinco objetivos específicos. Cada uma dessas palavras é carregada de espiritualidade e de tradição. No confronto mais sistemático com o que dizem o Antigo e o Novo Testamento, era esperança da Comissão ajudar a Vida Religiosa a revitalizar, respectivamente, sua *vocação,* sua *história*, sua *comunidade,* sua *conversão* ao Reino e sua *missão.* Assim, concluía o texto de base do projeto: "A Bíblia poderá chegar às mãos dos pobres e transformar-se em PALAVRA VIVA no coração do Povo (*Puebla*, n. 380) para realizar o Reino".

Porque o projeto dizia que "assim a Bíblia poderia, dessa forma, chegar às mãos dos pobres". É que a leitura orante da Bíblia de que falava o projeto estava sendo proposta em dois

níveis. Primeiro, o nível *ad intra*, isto é, cada comunidade de religiosos(as) leria a Bíblia, de ponta a ponta, a partir de sua própria vocação carismática. Em seguida, cada religioso(a) era convidado(a) a organizar um grupo de leitura bíblica com as pessoas de sua vizinhança e campo de trabalho, partilhando com eles sua vida e sua reflexão e deles aprendendo o que o Espírito, pela Palavra, fala e ensina a todos e a cada um dos batizados.

O ângulo "dos pobres", no qual se insistia, era um convite à opção evangélica pelos pobres, à qual, desde Medellín, a Igreja vinha convocando a Igreja. É sabido que boa parte, a maioria dos(as) religiosos(as), talvez, vive em função da classe média, urbana e branca. Sem abandonar tal lugar social, eram convidados a pôr-se na situação dos milhões e milhões de marginalizados que poucos benefícios diretos recebem de nossas obras e que nós mal conhecemos.

O "Palabra-Vida" construiu um roteiro de leitura que tinha cinco pilastras. Infelizmente, nem a primeira foi levantada! A cada pilastra correspondia um passo mais no confronto com a Palavra de Deus assim como ela nos é oferecida na Bíblia e na vida. Cada ano (entre 1989 e 1993) dar-se-ia um passo, com base em alguns dos livros bíblicos mais importantes. Seriam dados cursos e escritos livros destinados a facilitar o trabalho dos grupos bíblicos. Os religiosos da Alemanha se comprometeram a doar à América Latina um milhão de exemplares da Bíblia, que seriam repassados a preços simbólicos aos grupos a serem formados e animados pelos(as) religiosos(as) amantes da Palavra.[6]

Paralelamente, a Comissão Bíblica da CLAR iria selecionando textos bíblicos do Antigo e do Novo Testamento e subsídios exegéticos que ajudassem os(as) religiosos(as) e os grupos bíblicos por eles/elas animados a compreender que:

- a Palavra de Deus é uma convocação (1988-1989);
- a Palavra de Deus é uma libertação (1989-1990);
- a Palavra de Deus é anúncio e denúncia (1990-1991);

6. As primeiras 25 mil dessas Bíblias chegaram à América Latina a partir da Espanha. Graças a um árduo trabalho e a colaboração de muita gente, essas Bíblias entraram e foram distribuídas em Cuba, com o apoio dos bispos. Pasmem: as Bíblias foram entregues na Plaza de la Revolución, n. 1, sede do Partido Comunista de Cuba. Havia anos que a Bíblia não entrava naquele país! Não sei bem quantas Bíblias entraram, mas guardo até hoje o recibo da empresa aérea que levou os livros até Havana. Expresso mais uma vez, depois de vinte anos, a gratidão da Vida Religiosa latino-americana, especialmente aos religiosos da Alemanha e à Editorial Verbo Divino, de Estella, Espanha.

- a Palavra de Deus é Jesus Cristo (1991-1992);
- a Palavra de Deus interpela e recria a Igreja (1992-1993).

O que é a leitura orante proposta pelo "Palabra-Vida"?

Vou transcrever alguns parágrafos de um texto[7] da Coleção da CRB "Tua Palavra é Vida", para esclarecer o que é a leitura orante ou *lectio divina*. Lendo-o, espero que fique bem patente que se trata de algo radicalmente religioso e cristão. O Projeto "Palabra-Vida" pretendia ensinar um método de leitura que tivesse todas essas características cristãs e, ao mesmo tempo, propiciasse um conhecimento objetivo do sentido exegético-literário, histórico e teológico-espiritual dos livros bíblicos.

> "[...] A *lectio divina* nada mais é do que a leitura que os cristãos faziam da Bíblia" para alimentar sua fé, esperança e amor e animar assim a sua caminhada. A *lectio divina* é tão antiga quanto a própria Igreja, que vive da Palavra de Deus e dela depende como a água de sua fonte (DV). Prolonga, assim, uma tradição das comunidades pobres (anawin) do Antigo Testamento. "[...] uma leitura crente e orante da Palavra de Deus, feita a partir da fé em Jesus Cristo, que disse: 'O Espírito vos recordará tudo o que eu disse e vos introduzirá na verdade plena' (Jo 14,26)."
> [...] O Novo Testamento, por exemplo, é o resultado da leitura que os primeiros cristãos faziam do Antigo Testamento à luz dos seus problemas e à luz da nova revelação que Deus fez de si através da ressurreição de Jesus, vivo no meio da comunidade. No decorrer dos séculos, essa leitura crente e orante da Bíblia alimentou a Igreja, as comunidades, os cristãos.
> [...] a *lectio divina* tornou-se a espinha dorsal da Vida Religiosa. Em torno da Palavra de Deus, ouvida, meditada e rezada, surgiu e organizou-se o monaquismo do deserto. As sucessivas reformas e transformações da Vida Religiosa sempre retomavam a *lectio divina* como a sua marca registrada. As regras monásticas de Pacômio, Agostinho, Basílio e Bento fazem da leitura da Bíblia,

7. Cf. A *leitura orante da Bíblia*, cit., v. 1, pp. 16-33.

> junto com o trabalho manual e a liturgia, a tríplice base da Vida Religiosa [...].
>
> [...] A sistematização em quatro degraus veio só no século XII [...] Os quatro degraus são: leitura (conhecer, respeitar, situar); meditação (ruminar, dialogar, atualizar); oração (suplicar, louvar, recitar) e contemplação (enxergar, saborear, agir). Nem sempre é fácil distinguir um do outro.

Duas leituras divergentes do projeto

Fala a cúpula do CELAM e do episcopado colombiano

1. No dia 10 de fevereiro de 1989, o *Osservatore Romano* publicou um comunicado da presidência do CELAM. Para grande surpresa dos membros da Comissão Bíblica e da presidência da CLAR, lia-se ali o que segue:

> Entre as profundas deficiências, assinalamos especialmente o método proposto para a leitura da Sagrada Escritura, método segundo o qual a Palavra de Deus não é interpretada à luz da fé e do Magistério da Igreja, mas dá lugar a uma leitura ideológica e redutora que seguramente não vai no sentido da "Nova Evangelização", à qual fomos convocados pelo Santo Padre.

Os membros da Comissão Bíblica estavam naqueles dias reunidos no Rio de Janeiro estudando e preparando os textos que iriam servir de base aos primeiros volumes do projeto que fora lançado, mas que, todavia, não havia sido acionado. Sem saber em que se apoiava um parecer tão negativo, a Equipe Bíblica ficou no aguardo de algum esclarecimento por parte da presidência da CLAR que seguramente iria buscar uma explicação junto ao CELAM, mais especificamente: junto aos três membros da presidência que endossavam o citado comunicado.

2. Pouco depois, o presidente da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, passou às minhas mãos cópia de uma carta ainda mais incisiva que fora confidencialmente dirigida a todos os bispos da América Latina. Isto me deu uma

ideia mais clara da determinação da presidência do CELAM (notem bem, não do seu Conselho ou, menos ainda, do CELAM enquanto tal) em fazer abortar o projeto. Eis alguns trechos dessa carta:

> No método utilizado no Projeto Palabra e Vida para interpretar a Sagrada Escritura, não há uma interpretação, mas uma manipulação. É um método ideológico e redutor, como se mostrará adiante, que revela uma total ausência de referência ao magistério vivo e tradicional da Igreja como critério de interpretação. O método de leitura proposto no projeto em questão parte da dialética opressor-oprimido na América Latina, não considerando a situação senão do ponto de vista do conflito sociopolítico de base. Tal é o primeiro dos critérios de interpretação empregado. O segundo é o da comunidade vista como grupo consciente de sua opressão e organizado para a luta. O terceiro critério é o da referência direta ao texto {bíblico}. É dito que esse deve ser examinado à luz dos dois precedentes. É preciso, além disso, aplicar à análise da realidade exposta no critério número 1, em função da situação histórica concreta da época apresentada no texto bíblico.
>
> Dessa forma, como diz *Puebla* (n. 545), efetua-se "a politização total da existência cristã, a dissolução da linguagem da fé naquela das ciências sociais e a evocação da dimensão transcendental da salvação cristã". É significativo que dos doze planos de reunião que o projeto comporta apenas quatro se referem ao Novo Testamento e somente um fala de Cristo. Percebe-se igualmente que se trata de interpretar o Novo Testamento à luz do Antigo e não o Antigo Testamento à luz do Novo, como é da constante Tradição da Igreja. A execução de um projeto com tais características implica no risco de trazer uma grave ofensa à identidade da Vida Religiosa em nosso continente e, assim, à vida pastoral no seio da qual a Vida Religiosa desempenha um papel muito importante.

Confesso que fiquei pasmo ao ler esse amontoado de afirmações, nas quais de maneira alguma eu poderia reconhecer o que se pretendia. Talvez mais do que espantado, senti-me

ofendido em minha dignidade de cristão e religioso que honestamente servia com amor à Igreja. Logo imaginei o que poderiam pensar os bispos do continente todo ao receberem uma carta com tal teor. Na realidade, o que a carta provocou em vários países, sem que seus bispos tivessem qualquer acesso ao que a CLAR realmente estava propondo, foi uma sucessão de condenações, ou, no mínimo, uma funda desconfiança da parte deles quanto ao projeto. Foi isso o que mais me entristeceu e indignou.

Senti que tínhamos sido não só mal-entendidos (o que poderia ser corrigido pelo diálogo), mas que havíamos sido execrados e apresentados como perigosos para a própria Vida Religiosa, além de nocivos à Pastoral e à Nova Evangelização. Duas observações me molestaram a inteligência e o coração: a tremenda simplificação dos três critérios de que falava a carta e a afirmação de que a nós não interessava a compreensão do Novo Testamento e do próprio Jesus. Era exatamente o contrário do que pretendíamos com o Projeto "Palabra-Vida".

Sabendo que, de um modo geral, existe entre os religiosos pouco conhecimento do Antigo Testamento, queríamos partir dele para mostrar toda a plenitude e beleza da revelação de Jesus e sua comunidade, da qual os Doze são o fundamento. Pela primeira vez senti na própria carne o que significa o estado de *indefensión* ante autoridades eclesiásticas que exercem de maneira unilateral o seu poder. Acudi a um jurista de renome para saber como refazer o bom nome a que a CLAR e nós da Equipe Bíblica temos direito. Pessoalmente, senti-me tratado como um moleque irresponsável e não como um "homem de Igreja".[8]

3. Pus-me a perguntar sobre a origem daquela posição abruptamente tomada pela presidência do CELAM. Considerando, como narrei acima, que o projeto era de alguma maneira a resposta da CLAR ao apelo de monsenhor Quarracino e que fora previamente apresentado a ele e à presidência na sede do próprio CELAM, era estranho que a nova presidência fosse tão drástica na condenação do mesmo. Desconhecendo os meandros e o jogo de poder existentes

8. Da Equipe Bíblica da CLAR saíram, pouco depois, dois superiores-gerais e dois conselheiros-gerais. Um jovem jesuíta, padre Neftali Vélez, entusiasmado amante da Palavra de Deus e do Projeto "Palabra-Vida", faleceu em seguida, vítima de um câncer. Contaram-me que dedicou conscientemente sua morte a Deus e ao sucesso desse trabalho bíblico, ao qual ele se havia entregado com total generosidade. Interpretei a morte prematura de Neftali Vélez como um sinal da bênção de Deus para o que gostaríamos de ter oferecido à Igreja.

naqueles círculos eclesiásticos, eu me perguntava pela origem daquela posição: quem estaria por trás de tudo isto?

Foi quando um teólogo amigo me enviou uma carta do episcopado colombiano, datada de 18 de fevereiro de 1989, na qual se condenava o projeto e se proibia seu uso nas comunidades religiosas daquele país, desautorizando ao mesmo tempo o encontro nacional com o qual a Conferência de Religiosos da Colômbia pretendia apresentar o projeto aos(às) religiosos(as) colombianos(as). A leitura daquela carta elucidou algumas de minhas perguntas. Transcrevo alguns parágrafos da mesma para que o(a) leitor(a) mesmo(a) possa perceber a perfeita consonância entre o que dizia a presidência do CELAM e o que vinha da Conferência Episcopal Colombiana. A carta dizia,[9] entre outras coisas, que "de modo evidente a primeira coisa a ser esclarecida é a compreensão da revelação [...]. No 'projeto' não leva em conta a constituição *Dei Verbum* e nada se diz sobre a tradição e o magistério...".

> O método de interpretação da Sagrada Escritura utilizado no "projeto" é, na realidade, uma manipulação dessa última (apesar de pretender afastar essa tentação). Os "critérios" para a leitura bíblica, não obstante literalmente válidos, são inaceitáveis por seu conteúdo: qual realidade? O conflito sociopolítico; qual comunidade: o grupo consciente de sua opressão e organizado para lutar; qual texto? Os dois critérios anteriores determinam o terceiro [...].
>
> Há uma falha eclesiológica notória no "projeto". Nele se afirma com toda certeza: "A Bíblia é o livro do povo, da comunidade, da Igreja. Por isso, seu lugar de leitura é a comunidade". Esta "Igreja", esta "comunidade" são os grupos de pobres oprimidos, as comunidades de base. É evidente que de fato o "projeto" conduz a uma Igreja popular [...] A palavra "povo" "aparece com uma frequência que chama a atenção. Ela aparece ao menos 238 vezes. Mesmo se ocasionalmente ela se refere ao povo do Antigo Testamento, o mais das vezes ela diz respeito ao conjunto dos pobres e dos simples que não têm participação do

9. O texto em português é resultado de uma tradução que há anos eu fiz do original em espanhol, do qual não disponho no momento.

poder; ou seja, ao "povo", segundo conotações sociopolíticas bem conhecidas".

Isto mostra a dimensão política que se quer dar à palavra, fazendo desaparecer a noção bíblica e teológica do termo Povo de Deus assim como esse é usado no Concílio Vaticano II. Algo análogo acontece com a palavra "pobres", que seguramente não é empregada na perspectiva de "pobres de Javé". O "povo" e os "pobres" são a antítese dos ricos, dos que detêm o poder, dos "opressores". Coloca-se, assim, todo um esquema do tipo "dominação-dependência": às vezes, de forma velada e, às vezes, abertamente, o que leva à conclusão de que é necessária a luta de classes. Em consequência do dito precedentemente, o acento é colocado fortemente na situação de "conflito".

As considerações acima — eis a conclusão a que chega o texto — tornam o "projeto" inaceitável em si mesmo e enquanto instrumento de evangelização [...] como bispos, julgamos que essas observações e decisões correspondem à nossa obrigação de sermos os mestres que orientam as comunidades a nós confiadas.

A Congregação romana bate o martelo

No dia 3 de abril de 1989, a Congregação para os Religiosos e os Institutos Religiosos declara, em uma nota, sua posição sobre o Projeto "Palabra-Vida", afirmando que a ele "[...] faltam as mais elementares normas hermenêuticas da leitura da Sagrada Escritura [...] assim como a Tradição e o Magistério da Igreja [...] e que ele faz uma apresentação unilateral e redutora da Palavra de Deus".

Que fazer ante tão graves "condenações"?

A presidência da CLAR, como última responsável pelo Projeto, se assustou com a chuva e o tom condenatório de documentos, cartas e pronunciamentos que se multiplicaram aqui e ali. Houve também três pareceres vindos de Roma, um dos quais escrito por alguém absolutamente inidôneo. De um lado, havia a intenção expressa de silenciar e impedir o projeto. De outro, houve duas medidas que pareciam indicar uma abertura ao entendimento, crian-

do-se a possibilidade de ao menos a CLAR explicar o que eu estava pretendendo.

Duas iniciativas merecem ser mencionadas de modo especial. No dia 25 de abril, na Nunciatura Apostólica de Bogotá, deu-se um encontro entre as duas presidências. Os dois representantes do projeto (eu era um deles) ficaram na antessala, aguardando. Não nos permitiram entrar. Como resultado de uma longa e tensa conversa, o presidente da CLAR, ao sair da sala, nos disse que o projeto seria retrabalhado. Nesse sentido foi publicado um texto assinado pelos dois presidentes.

Mas a tempestade já estava armada e era bem mais ampla do que o problema suscitado pelo projeto. Tanto assim que houve, pouco depois, uma intervenção direta da Santa Sé na CLAR, já depois da suspensão do projeto, em outubro de 1989, por decisão da própria CLAR, que pretendia evitar tensões ainda maiores. Um bispo missionário, colombiano, a quem agradeço aqui por sua discrição e espírito compreensivo, assumiu todos os poderes na CLAR. Uma nova presidência foi nomeada sem consulta aos órgãos que estatutariamente tinham o direito de elegê-la. Não é minha intenção entrar aqui nesse tema. Mencionando-o, quero apenas mostrar que a ameaça de fechamento da CLAR havia deixado de ser apenas uma probabilidade um tanto remota.

No Vaticano, o próprio papa João Paulo II e cinco dos cardeais de maior prestígio tiveram uma reunião com dez superiores(as)-gerais. Segundo ouvi de um deles, todos os gerais, masculinos e femininos, se mostraram simpáticos à CLAR e se opuseram a medidas mais drásticas que haviam sido propostas por um setor do episcopado alinhado com as posições defendidas nos documentos que citei acima. O grupo que propunha o fechamento da CLAR era internacionalmente organizado e tinha aliados fortes nos dicastérios romanos envolvidos na discussão e nos episcopados de quase todos os países, inclusive no do Brasil.

Mas houve um outro encontro importante na Congregação para a Vida Religiosa. Eu estive (quase) presente ao

mesmo. Explico o meu "quase". Quando a Assembleia Geral da CRB me elegeu seu presidente, em julho de 1989, estava presente o cardeal Fagiolo, um homem afável, que se mostrou interessado em dialogar e encontrar um caminho para os impasses que se avolumavam, mexendo com emoções e dividindo as pessoas (também os bispos!). Estava presente também a presidência da CLAR. Reunimo-nos para tentar conversar sobre os problemas que se iam avolumando. Àquela altura, tratava-se da nomeação de um secretário-geral da CLAR.

Os religiosos indicados para assumir os cargos de direção da CLAR não haviam sido eleitos segundo os estatutos. Seus nomes (eram pessoas de mérito, diga-se de passagem) caíram do alto, meio que de repente. Eu aproveitei aquela reunião para também colocar na pauta o caso do "Projeto 'Palabra-Vida'". Como coordenador daquele projeto disse estar inconformado com o fato de à nossa Equipe Bíblica não ter sido dada a oportunidade de explicar-se e defender-se ante as graves afirmações feitas nos documentos que vinham da Colômbia e também de Roma. Deixei claro que a CNBB e seus representantes na Junta Diretiva do CELAM nem endossavam aqueles pontos de vista, nem haviam sido consultados.

O cardeal Fagiolo, como canonista, aceitou meu argumento de que tínhamos o direito de sermos ouvidos, pois é de justiça que ninguém seja condenado sem antes poder defender-se. O resultado da conversa foi que ele marcou uma reunião em Roma, na Congregação para a Vida Religiosa, pois fora essa que batera o martelo. Iriam três membros de nossa Equipe e, do lado do dicastério romano, insistimos para que estivessem presentes os três exegetas que a Congregação havia consultado e que, com exceção de um deles, haviam levantado hipóteses e se baseado em suposições ofensivas e sem qualquer fundamento.

De fato, fomos a Roma, frei Carlos Mesters, frei Camilo Macicce e eu. Mas... Uma vez lá, foi-nos dito que a reunião não teria lugar. Apenas frei Luis Coscia e o irmão

Ismael Nery, da presidência da CLAR, foram recebidos pelas autoridades. Ficamos os outros três do lado de fora mais uma vez.

O Projeto "Tua Palavra é Vida"

Uma das coisas boas que me aconteceram no mês seguinte, exatamente quando minha indignação chegava ao máximo, foi a oportunidade que tive de conversar com o cardeal Aloísio Lorscheider (já no céu!), ex-presidente do CELAM, ex-presidente da CNBB, além de um grande teólogo e um santo pastor. Dom Aloísio era um dos mais argutos conhecedores dos meandros políticos do mundo eclesiástico. Ele, como outros bispos, me animou a continuar o "Palabra-Vida", trazendo-o para o Brasil. Foi o que a CRB, por decisão em assembleia geral, decidiu fazer, confiando-me a tarefa de levar adiante o projeto, em comunhão com os bispos, para evitar os incríveis equívocos, suspeitas e interpretações errôneas a que a iniciativa da CLAR fora submetida. Para mostrar que se tratava do mesmo projeto, mantivemos o nome, submetendo-lhe um pequeno, mas significativo acréscimo: "Tua Palavra é Vida". Eu dizia, ao apresentar o primeiro volume aos(às) religiosos(as) do Brasil, que[10]

> o título da coleção, "Tua Palavra é Vida", tem duas referências importantes. Reconhece-se nele, com facilidade, a resposta apaixonada que Pedro, falando em nome da comunidade dos discípulos, deu a Jesus, logo após a multiplicação dos pães: "Tu tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que tu és o santo de Deus" (Jo 6,68). A confissão de Pedro e o conjunto da cena tão humana que a precede mostram muito bem o objetivo primeiro do que o projeto se propõe: desde a caminhada e busca de nosso povo, irmanados e comprometidos com suas lutas e descobertas, suas buscas e fracassos, queremos como esse povo comer do pão que o Senhor nos oferece. Assim poderemos conhecer, amar e servir melhor a Jesus, o Santo de Deus que teve compaixão dos que tinham fome (Mc 6,34).

10. Cf. *A leitura orante da Bíblia*, cit., v. 1, p. 7.

> Não é difícil perceber — prosseguia eu — que o título da presente coleção guarda relação com o Projeto "Palabra-Vida" que a CLAR começava a lançar para toda a América Latina, no contexto do V Centenário da Evangelização do Continente. Todos têm conhecimento dos dolorosos percalços experimentados pelo projeto da CLAR. Sua presidência, em face das grandes dificuldades em levar adiante aquela iniciativa, julgou ser mais conveniente deixar a responsabilidade pela animação da formação bíblica dos(as) religiosos(as) a cada Conferência Nacional. Liberava, assim, as conferências nacionais do compromisso de conduzir conjuntamente este empreendimento, no qual todos depositavam tanta confiança.

A Equipe de Biblistas brasileira — no início com a presença de dois ou três ex-membros da extinta Equipe da CLAR — resolveu escrever como volume de introdução um livro no qual se explicaria bem que o projeto visava, antes de mais nada, a reaprendizagem da "leitura orante da Bíblia", raiz do seguimento de Jesus e fonte alimentadora da comunidade de discípulos e de sua missão na Igreja e no mundo. Além da introdução de quarenta páginas, o pequeno livro apresentava cinco roteiros de leitura comunitária que visavam a dar uma idéia de conjunto da caminhada do Povo de Deus no Antigo e no Novo Testamento, ensinando, ao mesmo tempo, a prática muito singela da leitura orante inserida na história da salvação, tanto a de ontem quanto a de hoje.

Pronto o texto, ele foi levado por mim à Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB. Seu presidente, o cardeal Lorscheider, se disse encantado com o texto. Ofereceu-se para escrever o prefácio da coleção, mesmo sabendo o que o seu valor significava para seus colegas de episcopado e cardinalato que tão acintosamente haviam criticado. Eis o que o santo cardeal brasileiro escreveu em seu prefácio:

> Dentro dessa perspectiva de Nova Evangelização pedida pelo papa, coloca-se a coleção "Tua Palavra é Vida", que, a partir deste primeiro volume, é lançada pela Conferência dos Religio-

> sos do Brasil (CRB). É um projeto muito bem pensado. Talvez o que de melhor e mais acertado se tenha cogitado até agora no caminho para Santo Domingo.

Peço que meus eventuais leitores retomem serenamente o que escreveram os bispos a partir da perspectiva presente no texto que veio da Colômbia e o que escreveu dom Aloísio. Por vezes, me pergunto até hoje como é possível que autoridades tão elevadas possam ter chegado a juízos tão disparatados.

Mas uma coisa me consola e anima. Quando alguém me pergunta o que fiz de melhor em minha vida de religioso, sempre respondo que foi ter-me empenhado em favor do Projeto "Palabra-Vida" da CLAR. E quando me perguntam minha maior alegria, quando fui presidente da CRB, sempre digo que

> foi ter-me convencido — com o "Tua Palavra é Vida", da CRB — que sem a Palavra de Deus não existem nem o discipulado, nem o seguimento, nem a missão que cabe à Vida Consagrada na Igreja e no mundo.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como me envolvi com o Programa "Tua Palavra é Vida", da CRB?
2. Essa metodologia me ajuda na reflexão da Palavra de Deus?
3. Tenho conhecimento dos projetos bíblicos atuais da CLAR e da CRB?
4. Qual o lugar da leitura orante da Palavra de Deus na minha Vida Consagrada?

CRB

Quadro Programático da CRB 2007-2010

HORIZONTE

Em meio às profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão da nossa esperança (1Pd 3,15).

PRIORIDADES

1. Reafirmar o compromisso da VRC no serviço à vida, diante das grandes questões sociais e ambientais; e fortalecer a inserção nos meios populares e em novos espaços de solidariedade e cidadania.
2. Cultivar uma espiritualidade encarnada e profética, centrada na Palavra de Deus e na mística do discipulado, aberta à diversidade cultural, religiosa e de gênero.
3. Dinamizar a formação inicial e continuada diante da mudança de época, de forma integral, humanizante e geradora de novas relações.
4. Ampliar as alianças intercongregacionais, as redes e parcerias, na formação e na missão, e intensificar a partilha dos carismas com leigos e leigas.
5. Buscar novas formas de aproximação e presença junto às juventudes.